

**RENDAS
DEBILROS
VILADO
CONDE**

**CADERNO DE ESPECIFICAÇÕES
PARA CERTIFICAÇÃO**

Vila do Conde, 30 de Dezembro de 2015

ÍNDICE

1. Caderno de Especificações para a certificação das Rendas de Bilros de Vila do Conde	3
1.1. <i>Introdução</i>	3
1.2. <i>Nome ou denominação de venda do produto</i>	4
2. Enquadramento histórico-geográfico da produção, considerando a respectiva origem e/ou vínculo ao centro difusor mais relevante.....	5
2.1. <i>Os primeiros documentos (séc. XVII, XVIII e XIX)</i>	5
2.2. <i>O Século XX</i>	7
2.3. <i>Os últimos trinta anos</i>	7
2.4. <i>Conclusão</i>	8
3. Delimitação geográfica da área de produção	8
4. Identificação e caracterização das matérias primas utilizadas	9
5. Descrição do modo de produção, designadamente técnicas, ferramentas utilizadas e equipamentos auxiliares	9
5.1 <i>Descrição do modo de produção</i>	9
5.2 <i>Glossário de técnicas, utensílios, modo de trabalhar e vocabulário associado</i>	10
6. Nomenclatura ligada à forma das rendas	15
7. Identificação das principais características físicas do produto, tais como dimensões, formas, desenhos ou padrões e cores predominantes	17
7.1. <i>Pontos utilizados</i>	17
7.2. <i>Motivos que individualizam a produção rendeira de Vila do Conde</i>	20
8. Condições de inovação no produto e no modo de produção que, abrindo essa possibilidade, garantam a preservação da identidade do produto	47
9. Critérios de Qualidade.....	48
Ficha Técnica	49

1. Caderno de Especificações para a certificação das Rendas de Bilros de Vila do Conde

1.1. Introdução

O caderno de especificações é o documento normativo em torno do qual se desenvolverá a certificação das rendas de bilros de Vila do Conde e contempla a identificação e caracterização rigorosas desta produção artesanal, com referência aos respectivos parâmetros de qualidade e genuinidade.

Resultado das várias etapas do trabalho de investigação, o caderno de especificações é o instrumento que irá definir as características das rendas de bilros de Vila do Conde e listar, fundamentando, todos os parâmetros que irão ser considerados na sua certificação.

Mais concretamente fornecerá os seguintes elementos:

- Nome ou denominação de venda do produto;
- Enquadramento histórico-geográfico da produção, considerando a respectiva origem e/ou o seu vínculo ao centro difusor mais relevante;
- Delimitação geográfica da área de produção;
- Identificação e caracterização das matérias primas utilizadas;
- Identificação das principais características físicas do produto, tais como formas, dimensões, padrões, cores e desenhos predominantes;
- Descrição do modo de produção, designadamente técnicas, ferramentas e equipamentos auxiliares;
- Condições de inovação no produto e no modo de produção que, abrindo essa possibilidade, garantam a preservação da identidade do produto.

O presente Caderno de Especificações contém o conjunto de características que evidenciam a especificidade das Rendas de Bilros de Vila do Conde e diferenciam a produção deste centro rendeiro relativamente a outros, nacionais ou estrangeiros.

O que aqui se defende, se demonstra e se justifica é o carácter único e singular das Rendas de Bilros de Vila do Conde.

1.2. Nome ou denominação de venda do produto

A Associação para Defesa do Artesanato e Património de Vila do Conde apresentou ao INPI – Instituto Nacional da Propriedade Industrial, em 13 de Maio de 2005, o pedido de Registo da Indicação Geográfica “Rendas de Bilros de Vila do Conde”, sendo que este foi concedido no dia 23 de Abril de 2010.

Trata-se de uma marca composta por símbolo e denominação cujo manual de identidade gráfica foi igualmente remetido ao INPI.



2. Enquadramento histórico-geográfico da produção, considerando a respectiva origem e/ou vínculo ao centro difusor mais relevante

2.1. Os primeiros documentos (séc. XVII, XVIII e XIX)

A Acta da Sessão de Câmara de Vila do Conde, ocorrida a 4 de Maio de 1616, é, até ao momento, o documento mais antigo a comprovar a emergência e plena consolidação do centro rendeiro de Vila do Conde.

“Que as rendilheiras entrem no mester das costureiras

E logo acordaram eles Oficiais da Câmara que porquanto nesta vila havia muitas queixas das costureiras e pessoas que pagavam para o mester da folia das moças o qual era de muito gosto e as ditas costureiras eram poucas e não podiam suprir aos ditos gastos, acordaram e assentaram que daqui por diante todas as pessoas que nesta dita vila faziam rendilhas para vender cadimemente¹ entrem igualmente no dito mester e o tenham no ano que lhe couber sendo a tal rendilheira de qualidade que os possa ter e aquelas pessoas que forem de qualidade que não caiba nelas o dito encargo assim da paga como da mordomia, ficará na disposição dos oficiais da câmara proverem nisso como lhes parecer que convém. Paulo de Beça Coelho escrevi. E declararam eles oficiais que não seriam constrangidas a pagar para o dito mester as mulheres e filhas dos homens nobres desta vila posto que sejam rendilheiras. Paulo de Beça Coelho o escrevi”.

A importância sócio cultural que a procissão do Corpo de Deus sempre teve na sociedade de Vila do Conde, e a vontade do executivo camarário de nela incluir o ofício de rendilheira, testemunham a visibilidade de um novo grupo profissional que, então, se afirma de modo claro.

Em **1709**, a vereação camarária torna a deliberar, novamente, sobre o dever das rendilheiras em contribuírem, com a sua “folia”, para a procissão Corpus Christi, tornando evidente a continuidade deste grupo profissional por todo o século XVII.

Contudo, é preciso chegar a **1749** para aferir toda a importância que a manufactura das rendas de bilros havia adquirido no Norte do país, em geral, e em Vila do Conde, em particular. Na sequência da pragmática de D. João V, de Maio de 1749, a Câmara de Vila do Conde reage prontamente e logo em 19 de Junho desse mesmo ano discute e delibera sobre assunto.

“(…) e logo nesta determinaram que se mandasse um próprio por conta deste senado ao senado das câmaras da Vila de Viana, e Esposende, e Caminha e a da Vila de Barcelos para que todas ao mesmo tempo dessem uma conta, e fazer representação a sua majestade para ver se por meio dela se podia livrar o povo da vexação em que se acha pela proibição das rendas mencionada na pragmática e lei nova de sua majestade (…)”

¹ No século XVII significava: usualmente, de modo costumeiro, habitualmente. Cf. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, 2ªVol., pp 721. Lisboa: Ed. Círculo de Leitores, 2002

No seguimento desta iniciativa será enviada à corte, Joanna Maria de Jesus, rendilheira de Vila do Conde, em representação das rendilheiras do Norte do país.

Documentos encontrados por Jaime Cortesão, atestam a presença de Joana Maria de Jesus na corte, bem como a existência de outros personagens, como o pároco de Santa Maria a Nova, de Azurara, ou os clérigos da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde cujos relatos angustiados não deixam dúvidas acerca das consequências extremamente negativas que tal pragmática adivinhava numa sociedade largamente orientada para a manufatura das rendas.

Toda esta pressão exercida sobre o Rei se revelou decisiva pois que, ainda no mesmo ano de 1749, no dia 19 de Setembro, D. João V lança um alvará em que atenuam, de forma significativa, as disposições que se encontravam na anterior pragmática, ao permitir a produção nacional de rendas para as alfaias domésticas, mantendo, no entanto, a proibição do uso de rendas no vestuário.

Passados dois anos, a decisão de D. José I de liberalizar completamente a produção e comercialização de rendas de bilros nacionais terá promovido um ambiente bastante mais favorável a esta indústria caseira.

Em **1768**, dezassete anos depois da total liberalização das rendas produzidas no reino, voltam-se a encontrar elementos que traduzem, documentalmente, a continuidade da produção de rendas em Vila do Conde, correspondendo aquela data ao primeiro registo de um passaporte “tomado” por João Ribeiro Guimarães que “**usa de negócio de vender rendas de linha e linha branca**”.

Até ao advento e plena afirmação do Liberalismo, a circulação de pessoas e bens não se fazia livremente e, quem estivesse interessado em viajar de Vila do Conde para qualquer outro local, para aí vender rendas, tinha que ter um passaporte. O texto deste primeiro passaporte, parece aludir, no entanto, a um passaporte previamente existente, pelo que não será abusivo supor que tenham existido registos anteriores.

De **1768** a **1832** encontram-se, no Arquivo Municipal de Vila do Conde, registos de quarenta e três passaportes passados a negociantes que pretendem deslocar-se, sobretudo nas regiões Norte e Centro, a vender rendas, e a sua análise permite entender as rendas como uma produção significativa na economia de Vila do Conde dos finais do século XVIII, inícios de XIX. Não sendo possível obter elementos que indiquem de forma aproximada qual o número de rendilheiras na segunda metade do século XVIII, não há qualquer dúvida de que teria que ser um número suficientemente elevado para animar e justificar uma rede de comercialização de rendas de bilros que cobria a parte do País mais densamente povoada.

Pela segunda metade do século XIX, Vila do Conde e as suas rendas aparecem nos registos de grandes eventos como a Exposição Nacional de Lisboa de **1863**, onde, a par com as câmaras municipais de Setúbal e Viana do Castelo, a Câmara Municipal de Vila do Conde foi premiada com a medalha de prata, pelas amostras de rendas de bilros que aí apresentou. Também na Exposição Industrial Portuguesa, realizada em **1865** no Palácio de Cristal, no Porto ou nas Exposições de Paris de **1867**, **1878** e **1889** se expõem rendas

de bilros de Vila do Conde, o mesmo acontecendo nas Exposições Industriais Portuguesas de **1891** e **1893**.

Estas participações em tão prestigiados certames revelam a excelência de uma produção que, em 1881, nos finais do século XIX, ocupava, em Vila do Conde, cerca de 1200 rendilheiras.

2.2. O Século XX

Durante grande parte do século XX, num modelo que já vinha de trás, a produção e comercialização das rendas de bilros de Vila do Conde esteve a cargo de “ateliers” de rendas. Estes “ateliers” correspondiam oficinas onde uma série de rendilheiras trabalhavam orientadas por uma “mestra” – a dona do atelier, e funcionavam de modo semelhante àquele que se poderia encontrar numa fábrica. O “atelier” recebia encomendas de trabalhos e as rendilheiras executavam-nos, recebendo, em troca, um salário. O produto final era posteriormente vendido directamente ao cliente ou a retalhistas localizados quer em Vila do Conde quer noutros pontos do país.

Duas guerras mundiais, com profundas implicações económicas e sociais e o desenvolvimento acentuado da industrialização e do crescimento urbano provocaram, em Portugal, como por todo o lado, a profunda alteração do papel social da Mulher, cuja emancipação foi acompanhada por drásticas modificações da Moda. O papel que as rendas desempenhavam no vestuário foi, assim, diminuindo ao longo dos anos e, mesmo aquelas rendas que ainda no século XX se utilizavam na roupa de casa, foram sendo usadas em quantidades cada vez menores o que provocou uma severa diminuição da produção das rendas de bilros.

Em 1975, fechou o último dos “ateliers” (a Casa Flores Torres) pelo que as rendilheiras passaram a trabalhar isoladas, por sua conta e risco. O mercado, exceptuando umas esporádicas e casuais encomendas, feitas localmente, quase que desapareceu.

O evoluir da crise repercutiu-se no número de rendilheiras existentes. Se, em 1881, esse número era de cerca 1200 rendilheiras, já em 1914 estas se reduziam pouco mais de 800. Por sua vez, em 1940 eram identificadas 500 rendilheiras, enquanto em 1960 esse número decrescia para as 165 e, em 1979, um inquérito elaborado pela Câmara Municipal de Vila do Conde, identificava a existência de 97 rendilheiras. Actualmente existirão 161 rendilheiras.

2.3. Os últimos trinta anos

A percepção do intenso agudizar da crise que atravessava a produção das rendas, levou a que, logo em 1978, a Câmara Municipal de Vila do Conde, organizasse a primeira Feira de Artesanato de Vila do Conde, onde existe sempre um espaço especificamente dedicado às Rendas de Bilros, o que tem contribuído para lhes garantir algum escoamento e para as tornar mais conhecidas de um público (mais de quatrocentas mil pessoas) que ali ocorre

todos os anos, proveniente de todo o País. Apesar do sucesso da Feira, a Câmara Municipal, nunca se alheando da responsabilidade de promover as rendas e rendilheiras de Vila do Conde, entendeu que a sua acção seria mais eficaz se ligada a outros agentes, pelo que em 1984 surge a Associação para a Defesa do Artesanato e Património de Vila do Conde que, desde a sua constituição, passou a organizar Feira de Artesanato.

Com a abertura, em 1991, do Museu das Rendas de Bilros de Vila do Conde, juntaram-se no mesmo espaço um conjunto de valências que, desde o seu início, a Associação para a Defesa do Artesanato e Património de Vila do Conde prossegue. À valorização de um passado cheio de história bem presente na exposição permanente do Museu, soma-se, no rés do chão, a oficina de rendilheiras que ali funciona, e, no primeiro andar, a sala ocupada pela Escola de Rendas. O Museu das Rendas de Bilros constitui, também, um local que, além de divulgar a Renda de Bilros, se institui como um balcão onde se podem fazer encomendas e onde se dirigem algumas dezenas de rendilheiras que ali escoam a sua produção.

2.4. Conclusão

Os bilros de há muito se cruzam com a história de Vila do Conde e um passado de quatrocentos anos proporcionou o forjar de uma gramática decorativa própria. Embora o voltear e cruzar dos bilros seja o mesmo em todas as partes do mundo, as rendilheiras conseguiram, em Vila do Conde, definir motivos e padrões de grande força e individualidade, imprimindo um cunho singular à produção de rendas de bilros que as diferencia das produzidas nos demais centros rendeiros.

3. Delimitação geográfica da área de produção

Como o estudo desenvolvido amplamente demonstra, as rendas de bilros ocorreram, ao longo da sua história, quase exclusivamente, em três freguesias do concelho: Vila do Conde, Azurara e Árvore, com um claro predomínio da primeira, onde a sua existência se comprova desde os inícios do século XVII. Nos registos paroquiais da segunda metade do século XIX foram encontrados testemunhos da existência de rendilheiras na freguesia de Vila do Conde mas também na de Azurara.

Em tempos mais recentes, o X Recenseamento Geral da População, realizado em 1960, identifica, para além das freguesias de Vila do Conde e Azurara, a existência de 20 rendilheiras na freguesia de Árvore, uma em Touguinhó e outra em Fajozes, mostrando como, à medida que a mobilidade da população se acentua, se começa a difundir por outros locais do concelho a ocorrência de rendilheiras.

Embora no momento presente o maior número de rendilheiras se continue a situar na freguesia de Vila do Conde, julga-se mais adequado reconhecer a possibilidade da sua ocorrência/localização em todo o território do município de Vila do Conde.

Assim, pelos motivos atrás expostos e que o estudo efectuado deixa perceber, propõe-se que se considere como área de produção das Rendas de Bilros de Vila do Conde a totalidade do espaço concelhio de Vila do Conde.

4. Identificação e caracterização das matérias primas utilizadas

A matéria prima usada na actual produção das rendas de Bilros de Vila do Conde é o **fio de algodão**, utilizado em grossuras variáveis, embora com um claro predomínio do **nº 20** para as rendas mais grossas e do **nº 50** para as rendas mais finas.

O fio de linho foi abandonado pela dificuldade em se encontrar, a que não é alheio o seu elevadíssimo preço, o mesmo acontecendo com o fio de seda natural, usado nas rendas mais delicadas.

Também existem elementos que sugerem que em Vila do Conde se terá produzido rendas de bilros feitas com fio de ouro e prata.

Registe-se e sublinhe-se que estas mudanças na qualidade do fio não acarretaram nenhuma mudança significativa das próprias rendas.

5. Descrição do modo de produção, designadamente técnicas, ferramentas utilizadas e equipamentos auxiliares

5.1 Descrição do modo de produção

Numa almofada prendem-se, com alfinetes, vários fios, cujas pontas livres se enrolam, cada qual, numa pequena peça - o bilro - geralmente feito em madeira. Movimentos simples de torção de um bilro sobre o seu par, o número de voltas no cruzar e descruzar dos pares de bilros, segundo um desenho, preso na almofada, onde a rendilheira vai espetando os alfinetes que travam o trabalho dos bilros, definem os vários tipos de pontos que estão na origem da produção de um novo tecido, a renda propriamente dita.

Ao contrário do que acontece noutros centros europeus, onde se produzem rendas de bilros de maior complexidade e sofisticação, em Vila do Conde a renda é feita de uma só vez, pelo que os motivos são produzidos ao mesmo tempo que o fundo onde ganham todo o realce.

Embora os movimentos com que se trabalham os bilros sejam simples, o modo como se encadeiam na organização do trabalho apresenta algumas variações e complexidade, no que o número de pares de bilros, o número de voltas e o pregar dos alfinetes jogam um papel decisivo. Originam-se assim os vários pontos.

5.2 Glossário de técnicas, utensílios, modos de trabalhar e vocabulário associado

Agulha de arrastar – agulha de farpa, das mais finas, vulgarmente utilizadas para fazer “crochet”, usada para fazer união de alguns motivos e no remate final da renda. Só por estas pequenas ligações é possível encontrar um avesso e um direito nos trabalhos de Vila do Conde.

Alfinete – elemento essencial na execução das rendas, corresponde ao vulgar alfinete, pequena peça metálica, arredondada numa extremidade, a cabeça, e afiada noutra, a ponta. Serve para prender as **linhas** trabalhadas pelos **bilros**, conforme o esquema de execução que predetermina os pontos onde tal se afigura necessário. A rendilheira de Vila do Conde nem sempre usa piques previamente furados e é pela experiência e conhecimento que vai pregando os alfinetes, na **fotocópia** ou no desenho que segue para executar a renda. O alfinete que corre os piques da **ourela** ou **barão**, toma o mesmo nome. Ver **pregar** e **tirar**.

Almofada – constitui um instrumento, também essencial, à execução das rendas de bilros. Com a forma de um cilindro oco, feita de palha de centeio e forrada com tecido, as **bandas**, a almofada, em Vila do Conde, tem uma largura variável, geralmente entre 45 a 60 centímetros, mas, em casos excepcionais, pode ir até aos dois metros. Há mais de sessenta anos que a sua execução, tem sido assegurada por Albina Gomes da Silva, mais conhecida por D. Bina, actualmente com 83 anos de idade. No seu interior, oco, a rendilheira guarda a tesoura, o lenço, o telemóvel...



Ainda nos anos quarenta do século XX era possível ver, banalmente, rendilheiras a trabalhar, sentadas no chão, poisando a almofada num cesto. Contudo, por acção da Escola de Rendas, as rendilheiras começaram a sentar-se em cadeiras e a colocar a almofada num pequeno **cavalete** de madeira, todavia, ainda é possível ver uma ou outra, das mais antigas, a trabalhar sentada no chão.

Bandas – nome que se dá ao tecido que envolve a almofada, necessária à execução das rendas de bilros. Ultimamente já há quem reconheça o termo, **saia**, usado em Peniche para o mesmo efeito.

Barão – numa renda que só tenha uma **ourela**, esta fica sempre do lado esquerdo do trabalho e, é feita tradicionalmente, com um remate a que se chama barão, nome que também toma o alfinete que corre os piques correspondentes à execução desse remate.

Bilrinhas – diz-se de **bilros** pequeninos, com cerca de 6, 7 centímetros, usados para trabalhar linhas excepcionalmente finas e, por isso, caídos em desuso



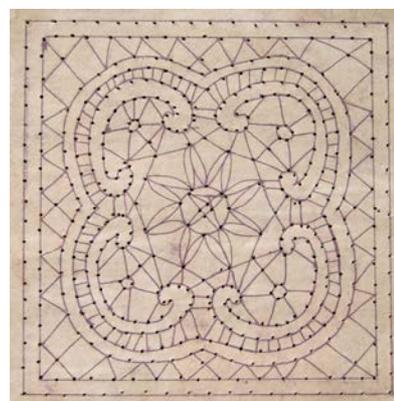
Bilro – nome da peça de madeira, que segura a linha. De tamanho variável, para um bilro de 12 centímetros, tamanho muito comum na actualidade, a haste, muito fina, em cuja parte superior a rendilheira enrola a linha, apresenta-se com 9 centímetros e termina por uma pequena esfera, a **cabeça**, com três centímetros de diâmetro. Actualmente de pinho, são mandados fazer numa oficina de torneiro em Viana do Castelo. Os bilros mais antigos, são, geralmente, feitos de madeiras mais nobres como a cerejeira

ou o buxo, e, por isso, mais pesados que os actuais. O número mínimo de bilros para fazer renda é de quatro, no entanto, o mais frequente é a rendilheira trabalhar com algumas dezenas deles, não havendo limite para o seu número. Qualquer que seja a quantidade de bilros necessários a um determinado trabalho a rendilheira manipula ao mesmo tempo dois pares de bilros. A única excepção é para o bilro que leva o bordo. Ver **tecedores**.

Bordo – trata-se de uma linha grossa, número 6 ou 12, 100% algodão, que contorna alguns dos motivos, dando-lhes maior realce. Como os outros fios necessários à renda, também o bordo é trabalhado com um bilro, só que não exige par.

Cabeça – diz-se do pequeno rebordo, no limite superior da haste do bilro, que impede a linha de se soltar. A meio da haste, salienta-se outro pequeno rebordo, o qual limita a área destinada ao enrolar da linha.

Cartão – em Vila do Conde quase não se usa esta designação que significa o mesmo que **pique**, ou seja, a base de que a rendilheira se serve para executar a renda.



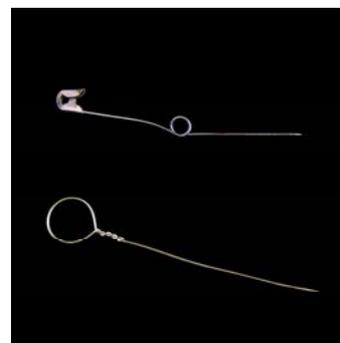


Cavalete – estrutura de madeira onde a rendilheira coloca a almofada.

Cruzar – o mesmo que **fazer a volta**. Trata-se de um movimento base na execução de rendas de bilros para o que é necessário, utilizar as duas mãos e os dois pares de bilros. Imaginando esses 4 bilros como estando pendentes e paralelos, trata-se de passar o bilro interior do par da esquerda por cima do bilro interior do par da direita, a que se segue, num movimento para o lado esquerdo, a passagem do bilro exterior da direita e o interior da esquerda por cima dos outros dois, terminando pelo bilro interior da esquerda a passar por sobre o bilro interior direito.

Encher os bilros – operação correspondente ao enrolar da linha nos bilros: com o polegar e o indicador da mão esquerda a rendilheira, que for dextra, segura a linha, enquanto, com o polegar e indicador da mão direita prende o bilro, ao mesmo tempo que o faz rodar, para ir enrolando a linha na parte superior da haste. Feita a **laçada** o bilro fica pronto para ser usado, sem que a linha se desenrole.

Espetos – peça de metal, desejavelmente de aço, semelhante a um enorme alfinete de 12 a 15 centímetros de comprimento, com que a rendilheira segura e individualiza os conjuntos de bilros, necessários à execução da renda, mas com os quais não trabalha no momento. De forma expedita, a rendilheira obtém-nos a partir de vulgares alfinetes, de fraldas de bebé, que utiliza para o efeito, “desenrolados”.



Fazer o canto – trata-se de trabalhar os pequenos espaços, geralmente triangulares, que se definem junto à orela ou remate, que podem fazer segundo vários pontos de fundo. Ver, por exemplo, **aranha, bico da pena, conchinha, rosário**.

Fazer a volta – Ver **cruzar**

Forma – desenho onde está marcada a localização dos piques, funciona como matriz do **pique**. A existência da forma salvaguarda o desenho original de qualquer tipo de desgaste.



Fotocópia – desde que as fotocópias se banalizaram, há cerca de 20 anos, que as expeditas rendilheiras de Vila do Conde começaram a fazer renda de bilros directamente sobre as fotocópias tiradas a partir das próprias rendas, ou dos seus desenhos. Com isto, eliminaram as operações de desenhar, fazer a **forma**, **picar** os **piques** e **riscar** a renda, pois, por experiência, sabem onde devem **pregar** os alfinetes, do modo mais conveniente ao progredir do trabalho.

Laçada – nome que se dá a uma argola, que se faz com a linha ao **encher** o bilro e o cruza, de modo que este se possa esticar sem que a linha se solte.



Linha – de espessura variável, actualmente a linha empregue tem que ser 100% de algodão mercerizado, pois o linho, difícil de obter e muito mais caro, caiu em desuso. As **rendas da rua**, tradicionais e populares são, quase sempre feitas numa linha mais grossa, número 20. As rendas da **Escola** são feitas em linha mais fina, geralmente, número 50. Noutros tempos trabalhava-se em linho e, muitas vezes com números de linha elevados, como o 80, na execução de rendas com uma finura e leveza, impensáveis na actualidade. **Ver bordo**.

Mestra – designação que actualmente não se aplica, usava-se para designar a dona de uma oficina produtora de rendas, que era quem ensinava as suas aprendizes. Actualmente não existem oficinas, mas tão só as várias rendilheiras interessadas em fazer renda que vendem, sobretudo, à Associação para a Defesa do Artesanato e Património de Vila do Conde.

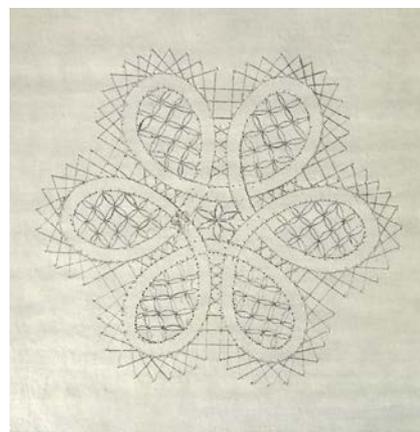
Nós – as emendas das linhas são feitas com dois tipos de nós: o de tecedeira, mais vulgar e o de laçada, usado, sobretudo, quando a linha está mais curta. Para o bordo não se faz nó - pois ficaria muito grosso, mas enrolam-se as duas pontas. No caso de linha de linho ou, mesmo de algodão, mas muito fina, as duas pontas “colam-se” uma à outra, mediante um pouco de saliva e um pequeno movimento de torção.

Picador – instrumento que serve para, a partir da **forma**, localizar no **pique**, mediante um pequeno furo, todos os locais onde a rendilheira deve espetar os alfinetes. Em Vila do Conde as rendilheiras costumam fazer os picadores a partir de um **bilro**, a que retiram a parte superior da haste, inserindo-lhe uma agulha de coser das mais finas.



Picar – operação que consiste em marcar, mediante furos feitos por um **picador**, num papel mais rijo, o **pique**, os sítios onde a rendilheira deve colocar os alfinetes, quando da execução da renda.

Pique – o mesmo que **cartão**; feito um desenho, este é passado para uma **forma**, ou seja é passado para um outro papel, muitas vezes papel vegetal, onde se abrem, com o **picador**, todos os buraquinhos precisos à execução da renda, os quais vão funcionar como matriz de todos os piques necessários. Um desenho pode originar várias formas e cada uma delas vai, por sua vez, multiplicar-se em vários piques. O resultado consiste na possibilidade de um mesmo desenho originar uma multiplicidade de piques iguais, distribuídos por outras tantas rendilheiras, pelo que uma mesma renda pode estar a ser feita, ao mesmo tempo, por grande número de executantes. Ver **riscar**.



Pregar – acto de colocar os **alfinetes** nos locais definidos pelo **pique** da renda, ou onde a experiente rendilheira entende, para travar a volta dos bilros que maneja no momento.

Rendas da rua – designação caída em desuso, no actual contexto produtivo, referia aquelas rendas mais populares, encomendadas pelas casas que as comercializavam. A expressão terá tido origem no facto de, noutros tempos, as rendilheiras trabalharem nos degraus da porta das suas casas, praticamente, **na rua**.

Rendilheira – mulher que faz renda de bilros. Em Vila do Conde não se usa a designação de rendeira. A figura de rendilheira independente, vendendo para quem quer, é relativamente recente. De facto, até 1975, data em que fechou a última das oficinas clássicas, as rendilheiras trabalhavam sempre por conta de outrem, constituindo um caso excepcional a rendilheira aceitar encomendas directamente de algum cliente final.



Riscar – trata-se reconstituir o desenho da renda que se pretende fazer, a partir dos buracos abertos pelo **picador** no **pique**. Em Vila do Conde, esta operação nem sempre é feita, porque as rendilheiras, muitas vezes trabalham por cima de **fotocópias** dos desenhos das rendas.

Saia – nome que se dá, em Peniche, ao tecido que envolve a almofada, necessária à execução das rendas de bilros, mas que começa a ser reconhecido em Vila do Conde.

Soltar ou lançar o bilro – trata-se de dar um certo movimento ao bilro, de modo a libertar e desfazer a laçada, que trava o seu desenrolar, por forma a obter mais linha, necessária ao progredir do trabalho.

Tecedores – nome que se dá ao par de bilros que tece, que, à imagem da lançadeira de um tear, trabalham de lado a lado da renda, travando as voltas a ser feitas com os pares **correntes**.

Tirar – acto de levantar os alfinetes dos buracos do **pique** (ou dos pontos do desenho) em que foram colocados para prender o trabalho.

Torcer – significa dar ao par de bilros um movimento rotativo, sempre da direita para a esquerda, de modo que as linhas enrolem uma sobre a outra e fiquem mais tensas, ganhando resistência.

6. Nomenclatura ligada à forma das rendas

Aplicações – nome que se dá a rendas de feitios variados (flores, letras, cestos, borboletas, laços), geralmente pouco extensas, que são cosidas, quase sempre a toda a volta, ao tecido em que se inserem. Mais recentemente, num uso que se tem vindo a generalizar nos últimos 25 anos, as aplicações são feitas para serem emolduradas e colocadas numa parede. Neste caso predominam figurações de carácter religioso, como santos e imagens de presépio, mas também se fazem reproduções de emblemas de clubes de futebol ou de heráldica de carácter familiar ou institucional.

Avesso – a parte de trás da renda, reconhecível pelas pequenas ligações entre motivos, ou por não ostentar salientes levantados, visíveis só no lado direito do trabalho. Contudo, numa larga maioria de rendas de Vila do Conde, não se distingue o avesso do direito do trabalho.

Bico – diz-se da extremidade da renda que não é cosida ao tecido, cujo remate se apresente denteado, recortado ou ondulado. Também se usa a designar qualquer renda cuja extremidade solta mostre algum tipo de recorte, ténue que seja.

Canto (I) – nome que se dá a uma renda pequena, de feição triangular (pode não corresponder triângulos geométricos), que se pregam ao tecido por dois ou por três lados.

Canto (II) – parte da renda que corresponde a uma mudança, nítida, de direcção, geralmente um ângulo de 90º.

Canto (III) – pequenos espaços, geralmente triangulares, que se definem junto à ourela ou remate, que podem apresentar-se feitos em vários pontos de fundo. Ver, por exemplo, **aranha, bico da pena, conchinha, rosário**.

Dobras – nome das rendas feitas para ornamentar a extremidade de um lençol. Podem ter canto ou não.

Entremeios – são rendas de feição rectilínea que se inserem no tecido, pregadas dos dois lados.

Naperons – peça de tecido, de forma variada (circular, oval, quadrado, rectangular, triangular, etc.) que apresenta uma renda, pregada a toda a volta.

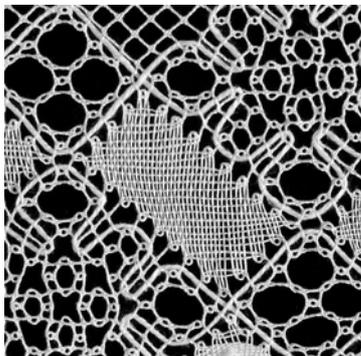
Panos – são rendas quadradas, rectangulares ou circulares, que são usadas sem exigirem qualquer tecido.

Ourela – remate da renda, utilizado para a coser ao tecido. Em Vila do Conde chama-se **barão** à ourela de desenho mais leve, porventura mais antigo, onde não se encontra o que agora é mais banal: torcidos com uma estreita bicha de pano a acompanhar.

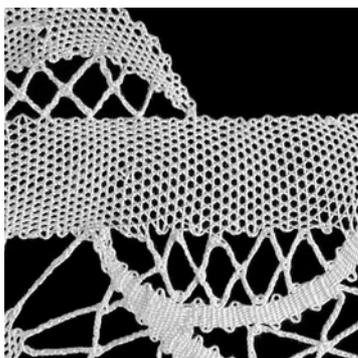
Picot - remate da renda, correspondente a uma **trança** com **serrilha**, que fica sempre solto no ar. Trata-se de uma denominação entrada recentemente no vocabulário da rendilheira de Vila do Conde, por contaminação da terminologia ligada à renda feita com uma agulha de farpa.

7. Identificação das principais características físicas do produto, tais como dimensões, formas, desenhos ou padrões e cores predominantes

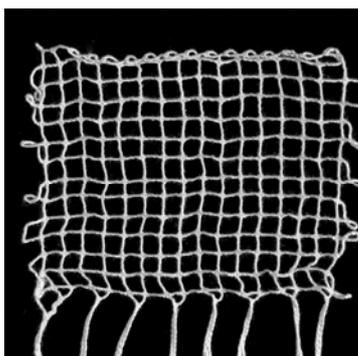
7.1. Pontos utilizados



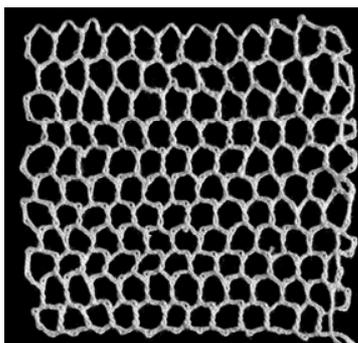
1 - Ponto de Pano ou pano, volta inteira, volta fechada ou ponto cheio. Ponto base.



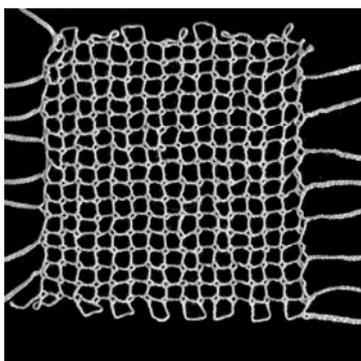
2 - Meia volta ou meio ponto. Ponto base.



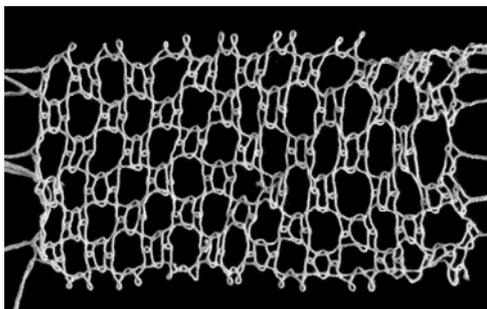
3 - Rede de torcidos ou Quadrícula. Ponto de fundo mais utilizado nos trabalhos de Vila do Conde.



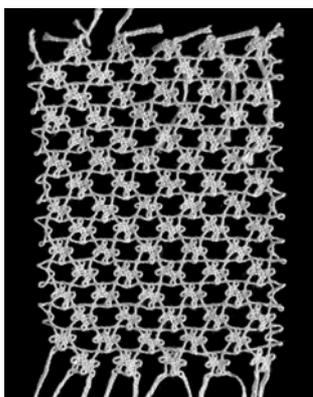
4 - Pregadinho – ponto de fundo; trata-se de uma rede de volta fechada, muito usada.



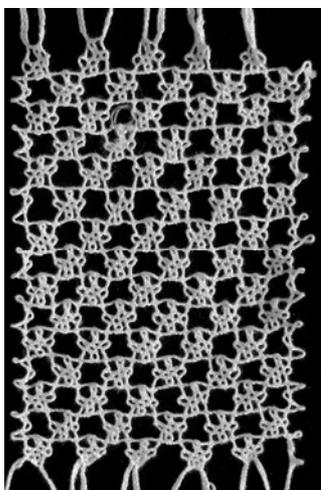
5 – Rede de torcidos ou Ponto de Tule. Ponto de fundo. Trata-se de uma rede muito pouco usada.



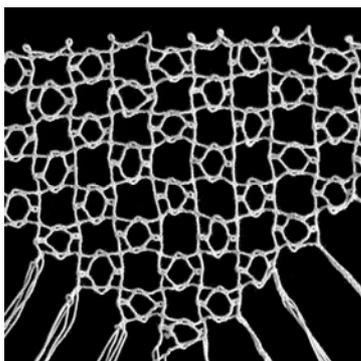
6 - Crivo. O crivo mais usado. Faz-se com quatro pares de bilros e quatro alfinetes.



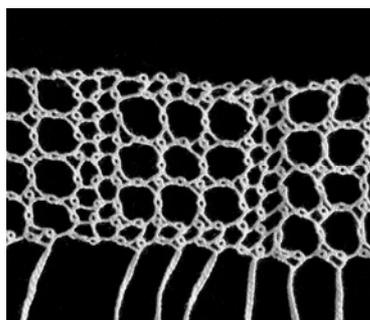
7 - Crivo com torcidos ou crivo de volta fechada. Ponto de fundo. Também conhecido por **Sapinhos de volta fechada**.



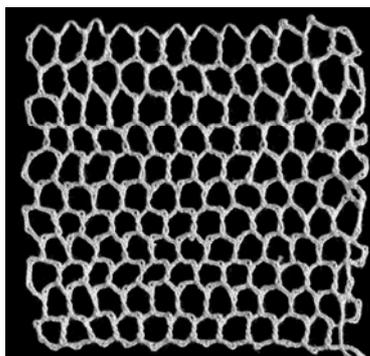
8 - Crivo em meio ponto. Ponto de fundo. **Sapinhos em meia volta.**



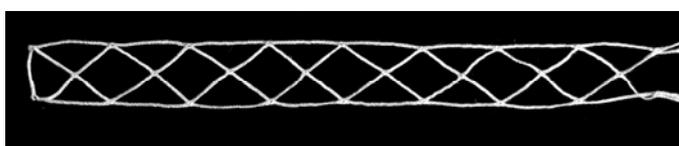
9 - Crivo aberto. Ponto de fundo. Faz-se com seis pares de bilros e oito alfinetes.



10 – Caveiras ou caveirinhas. Ponto de fundo.



11 - Escamas – ponto de fundo.



12 - Trança cruzada – ponto de fundo.



13 - Trança com serrilha – ponto de fundo.

7.2. Motivos que individualizam a produção rendeira de Vila do Conde

A riqueza do vocabulário ligado à gramática decorativa das Rendas de Bilros sublinha a profunda e enraizada especificidade que a manufatura das rendas de bilros adquiriu em Vila do Conde ao longo de quatrocentos anos. Mesmo que outros elementos não houvesse, a variedade e quantidade de termos encontrados traduz, exemplarmente, toda a expressão do centro rendeiro de Vila do Conde.

Nas rendas, qualquer que seja a sua forma ou função, podem-se sempre distinguir um **campo ou fundo** onde se inscrevem os **motivos**. O **fundo** (palavra mais comum em Vila do Conde) significa assim uma parte da renda, onde ganham maior realce os **motivos** que ali se encontram. Estes motivos podem ser mais naturalistas ou mais geométricos. Em qualquer dos casos, a rendilheira dá-lhes nomes, uns mais óbvios que outros, e chama **fantasia** a todos aqueles que não conhece ou que não têm denominação própria.

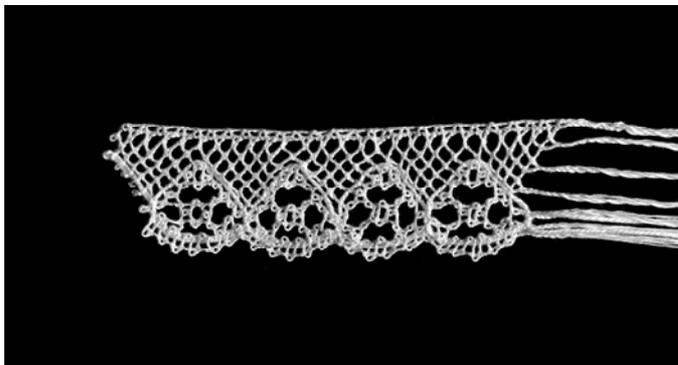
Mas **fantasia** é também o nome que dá a qualquer renda, em que se juntam vários motivos, mesmo que comuns e reconhecidos, numa associação variável ou invulgar. Do mesmo modo chama **fantasia** àquelas rendas mais antigas de Vila do Conde, que têm desenho próprio e fogem, por completo, à utilização dos motivos mais banais e comumente usados. Todavia, ou a fantasia não significasse um desafio do real, em Vila do Conde **renda da fantasia** significa, ainda, o nome de uma renda com um motivo específico!

Participando plenamente da realidade nortenha, em Vila do Conde os diminutivos são usados em quantidades generosas, colorindo afectivamente o mundo das rendas, juntando-lhe, além do mais, uma significativa expressividade. Os mesmos motivos, ou até mesmo o nome dos pontos, podem passar a ser chamados pelo seu diminutivo, para o que basta apresentarem-se em tamanho reduzido, numa linha mais fina, etc.

Não foi possível apresentar, para cada motivo, o número de **voltas** necessárias à sua execução, pois se verifica alguma variação de rendilheira para rendilheira e nenhuma aceitou esse desafio. O número de bilros apresentado diz respeito à amostra reproduzida, muitas delas apresentando vários motivos. De facto, é a diversa associação do vocabulário decorativo existente que dá à gramática de Vila do Conde a sua forte individualidade e consistência, de tal modo que quando se pediu que se individualizassem alguns motivos, os quais, na maior parte das vezes, a rendilheira executa em associações predeterminadas, não lhes foi fácil corresponderem a essa solicitação, de tal forma lhes parecia bizarro e contra-natura separar elementos que sempre conheceram conjugados com outros.

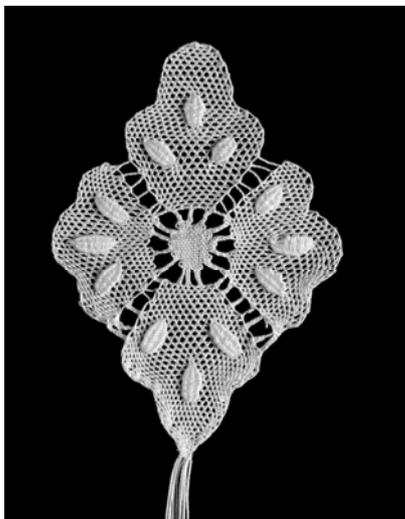
Nas medidas das amostras apresenta-se sempre, em primeiro lugar, o comprimento e em segundo lugar a largura. O comprimento, foi medido ou ao longo da orela – nos casos em que esta exista, ou na maior dimensão da amostra. A largura foi sempre medida na sua maior expressão, na perpendicular da orela ou da linha definida pela maior dimensão do comprimento.

Amêndoa – Amostra executada com 27 bilros, 13 pares mais um para o **bordo**, em linha nº 50, 100% de algodão mercerizado, com 74mmX22mm.



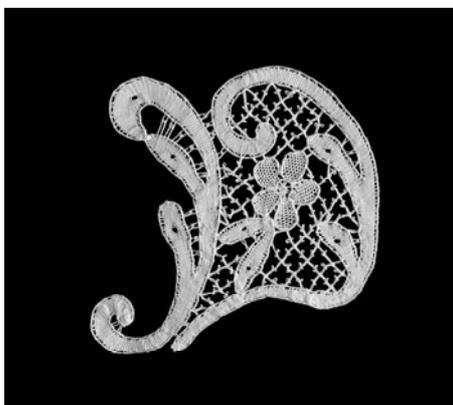
À **ourela** de torcidos, segue-se um **fundo de rede**. No **bico** um motivo triangular, contornado por **bordo**, é preenchido por **crivo** simples. Uma **unha de pano** remata com **torcidos**. Trata-se de um motivo adoptado a partir da Escola de Rendas.

Amor – Amostra executada com 52 bilros, em linha nº 20, 100% de algodão mercerizado, com 96mmX68mm.



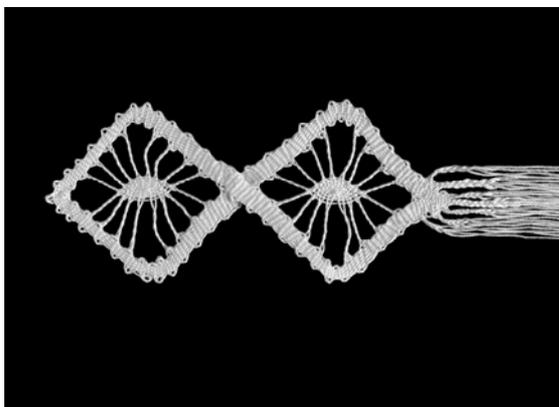
Dois pares de pétalas, diferentes entre si, feitas em **meio ponto** e apresentando, cada, 3 **salientes levantados**, dispõem-se em cruz, ligando-se umas às outras por **torcidos** e **tranças**, e só por tranças ao centro feito em **ponto de pano**. Trata-se de um motivo tradicional.

Aplicação estrangeira - Amostra executada com 74 bilros, em linha nº 50, 100% de algodão mercerizado, com 120mmX114mm.



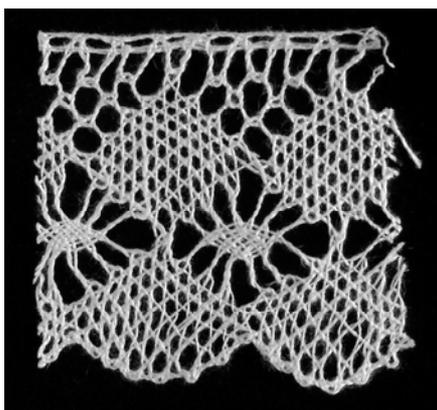
Nesta **aplicação**, uma **bicha de pano** define todo o seu limite. No interior, num fundo de **tranças** com **serrilhas**, encontra-se uma **flor** de cinco pétalas feitas em **meio ponto**, duas folhas em ponto de pano completam o motivo, onde todos os elementos são contornados a bordo. Na ligação das volutas do contorno exterior encontram-se **torcidos**. Trata-se de um motivo tradicional.

Aranha dupla – Amostra executada com 32 bilros, em linha nº 20, 100% de algodão mercerizado, com 85mmX39mm.



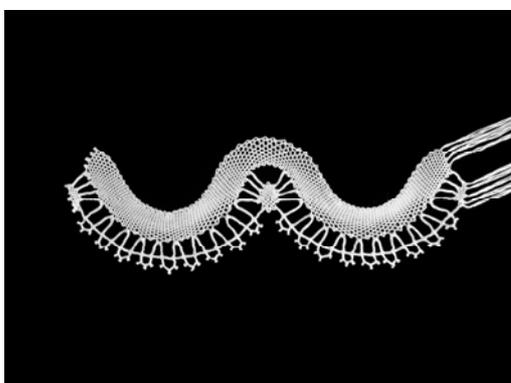
Uma **bicha** de **pano**, define dois losangos em cujos centros se encontra a **aranha**, feita de pano e ligada por **torcidos**. Trata-se de um motivo adoptado a partir da Escola de Rendas.

Aranha simples – Amostra executada com 30 bilros, em linha nº 50, 100% de algodão mercerizado, com 40mmX42mm.



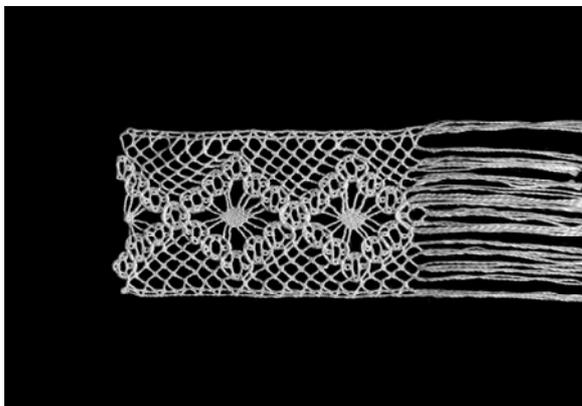
4 motivos quadrangulares, **rosinhas**, feitas em **meio ponto** rodeiam o motivo, propriamente dito, feito de **pano** e ligado por **torcidos**. Entre a ourela e cada duas rosinhas, define-se um espaço triangular, o **canto**, feito em **pregadinho**. Trata-se de um motivo adoptado a partir da Escola de Rendas.

Arco – Amostra executada com 30 bilros, em linha nº 20, 100% de algodão mercerizado, com 155mmX34mm.



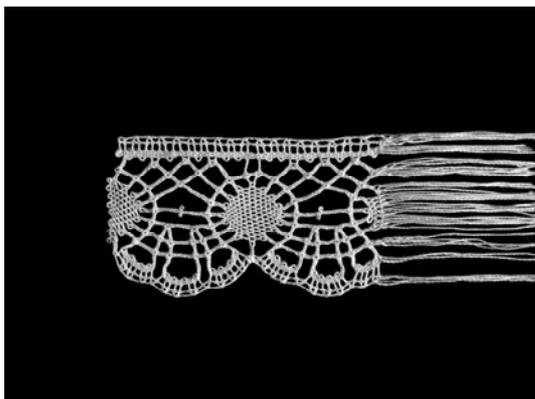
Uma **bicha** executada em **meio ponto**, define um padrão onde curvas largas alternam com curvas estreitas, em cada uma das quais, ligada por tranças, se encontra uma **flor**, em meio ponto. No remate exterior vêem-se **tranças** com serrilha (picot). Trata-se de um motivo tradicional.

Argolinhas – Amostra executada com 50 bilros, em linha nº 50, 100% de algodão mercerizado, com 55mmX33mm.



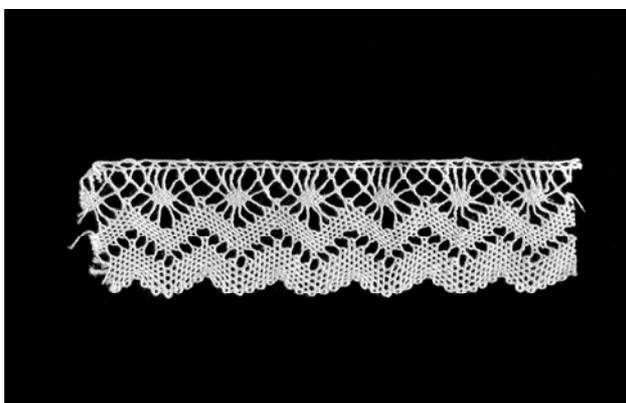
Neste **entremeio**, num fundo de **rede**, pequenos círculos, realçados a **bordo** e em cujo interior se encontra **pregadinho**, definem uma sucessão de motivos quadrangulares, cada um dos quais tem, no centro, uma **aranha**. Trata-se de um motivo adoptado a partir da Escola de Rendas. Tem canto.

Balão - Amostra executada com 48 bilros, em linha nº 30, 100% de algodão mercerizado, com 56mmX35mm.



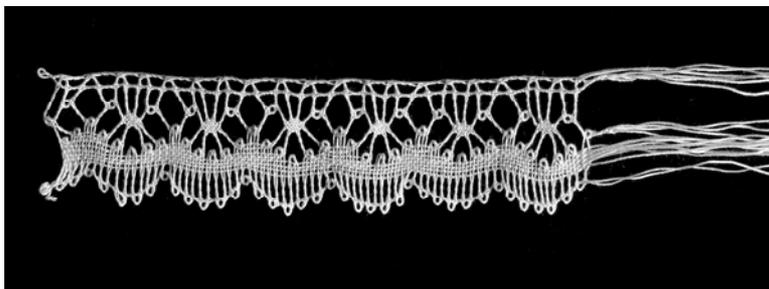
Num fundo de **tranças**, define-se um motivo circular, feito em **meio ponto**. No bico, pequenas **unhas** de **pano**, rematam com **torcidos**. Trata-se de um motivo tradicional.

Bichas – Amostra executada com 12 bilros, em linha nº 50, 100% de algodão mercerizado, com 85mmX25mm.



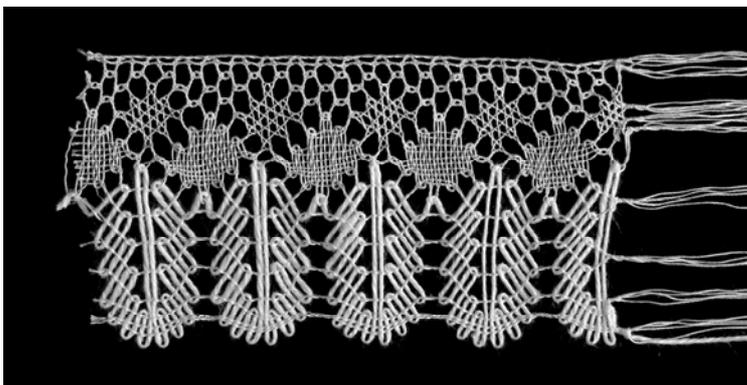
Chama-se bicha a qualquer motivo longilíneo que, direito, encurvado ou em zig-zag, apresente a imagem de uma fita. Nesta amostra, a seguir à orela encontra-se uma sucessão de **aranhas**, acompanhada em paralelo, por uma bicha em zig-zag, feita em **meio ponto**, ligada, por torcidos, àquela, também em meio ponto, que faz o **bico**. Associação de motivos adoptada a partir da Escola de Rendas.

Bico da noiva - Amostra executada com 19 bilros, em linha nº 50, 100% de algodão mercerizado, com 71mmX15mm.



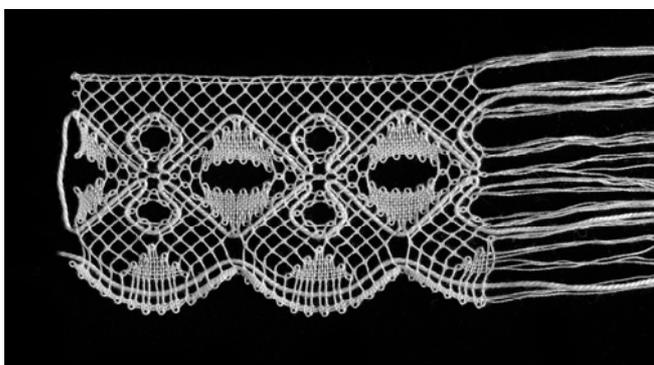
No bico encontra-se uma pequeníssima **aranha de pano**, ligada por **torcidos** a um motivo que corre ao longo da renda, também em pano, a partir do qual partem os torcidos do remate exterior. Trata-se de um motivo adoptado a partir da Escola de Rendas.

Bico da pena – Amostra executada com 37 bilros, em linha nº 50, 100% de algodão mercerizado, com 75mmX43mm.



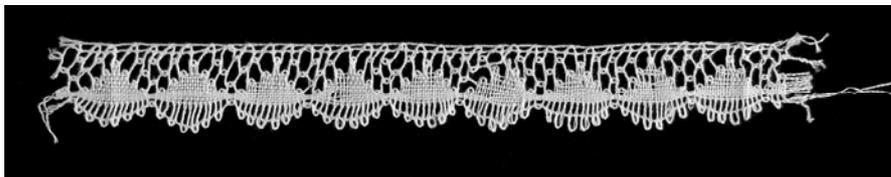
Feitas de **bordo**, as penas articulam-se por **rosinhas de pano**, as maiores, e de **meio ponto**, as mais pequenas. Os espaços triangulares que se definem entre estes motivos e a ourela, **canto**, são feitos em **pregadinho**. Trata-se de um motivo adoptado a partir da Escola de Rendas.

Bico da pevide - Amostra executada com 55 bilros, em linha nº 50, 100% de algodão mercerizado, com 60mmX34mm.



Num fundo de **rede de torcidos** dispõem-se, alternadamente, motivos, contornados a **bordo**, em forma de “oito” e de “losango”. Os “oitos” apresentam, no seu interior, uma **caveirinha**, enquanto nos losangos, dois espaços triangulares feitos de pano, definem uma pequena abertura em forma de pevide, estando os outros dois vértices preenchidos com **pregadinho**. Uma **bicha** muito estreita de pano, com bordo a acompanhar, faz o remate do **bico**, onde se encontra pano e torcidos. Trata-se de um motivo adoptado a partir da Escola de Rendas. Tem canto.

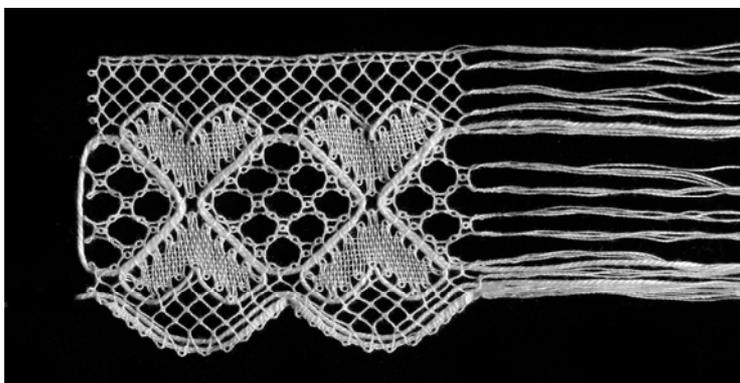
Bico do lapão - Amostra executada com 20 bilros, em linha nº 50, 100% de algodão mercerizado, com 125mmX15mm.



É com este motivo, que se começa, sempre, em Vila do Conde, a aprender a fazer rendas de bilros. Os **bicos**

feitos de **pano e torcidos** à ponta, ligam-se uns aos outros com **pregadinho**. Trata-se de um motivo adoptado a partir da Escola de Rendas.

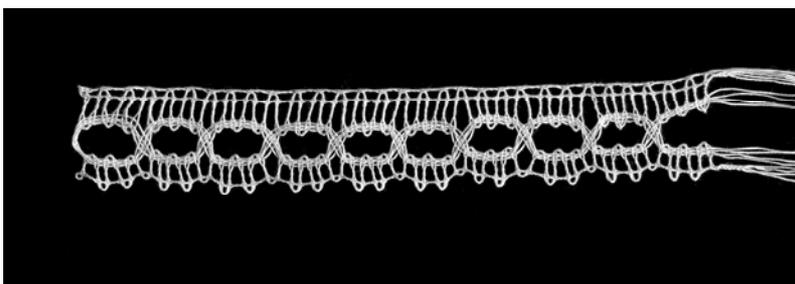
Bico dos lacinhos - Amostra executada com 57 bilros, em linha nº 50, 100% de algodão mercerizado, com 45mmX40mm.



Num fundo de **rede**, cada par de laços, feitos de **pano**, define um quadrado, cujo interior é preenchido com **caveirinhas**. Os laços são preenchidos em pano. O **bico**, rematado com uma **bicha** de pano muito estreita, é acompanhado por **bordo**, que aparece a contornar os outros motivos.

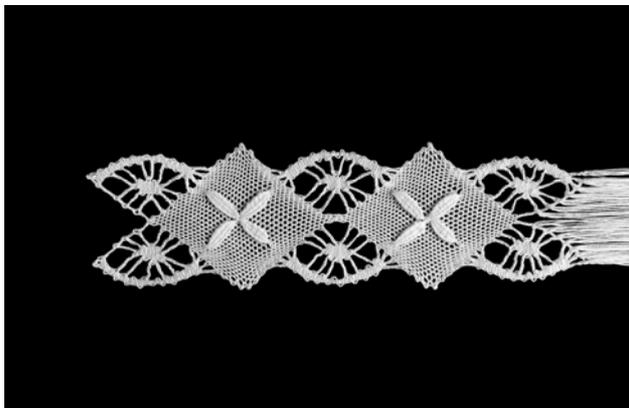
Trata-se de um motivo adoptado a partir da Escola de Rendas. Tem canto.

Bico dos olhinhos - Amostra executada com 14 bilros, em linha nº 50, 100% de algodão mercerizado, com 87mmX12mm.



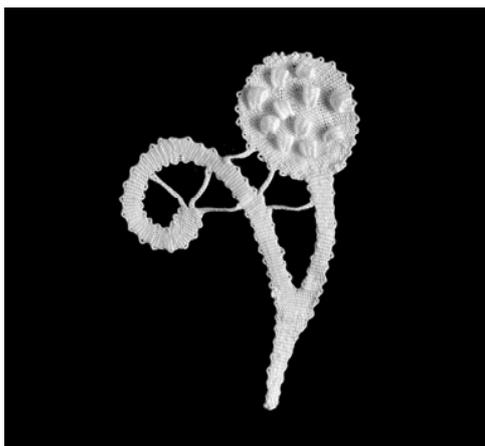
Num fundo de **torcidos**, duas estreitas **bichas** de **pano** cruzam e voltam a cruzar, definindo espaços que ficam vazios. Trata-se de um motivo adoptado a partir da Escola de Rendas.

Cartolas - Amostra executada com 68 bilros, em linha nº 20, 100% de algodão mercerizado, com 165mmX50mm.



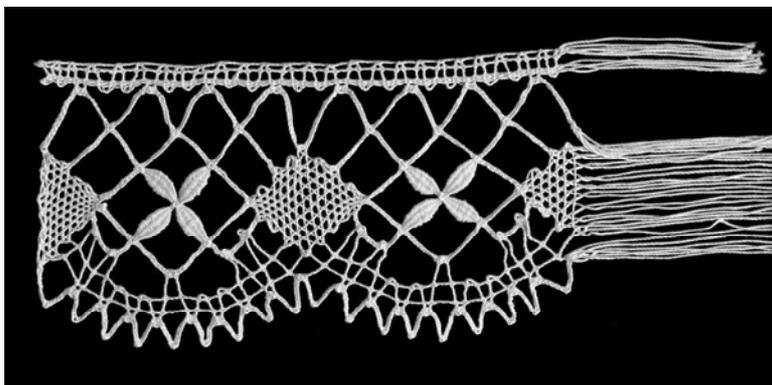
Na articulação de dois losangos, feitos em **meio ponto**, cada um dos quais apresenta no seu centro quatro **salientes levantados**, encontram-se duas **aranhas** - **pano** e **tranças**, envolvidas por uma bichinha de pano. Trata-se de um motivo tradicional. Tem canto.

Carvalhos - Amostra executada com 50 bilros, em linha nº 20, 100% de algodão mercerizado, com 82mmX60mm.

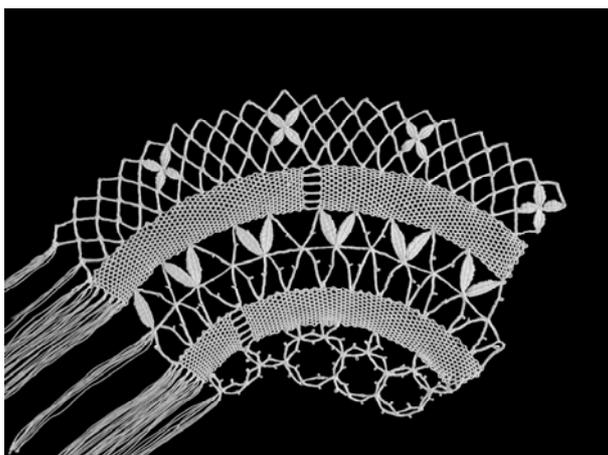


Motivo quase inteiramente feito de **pano**, em que as ligações são feitas em **trança**, e onde se podem ver **salientes levantados**. Trata-se de um motivo tradicional.

Comandantes - Amostra executada com 40 bilros, em linha nº 20, 100% de algodão mercerizado, com 105mmX58mm.

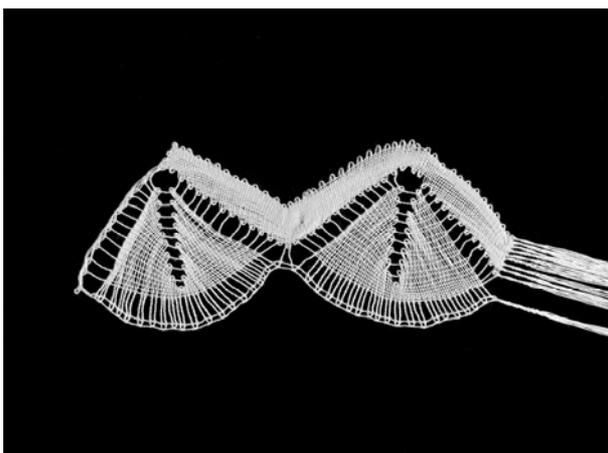


Num fundo de **tranças** alternam um quadrado com dois **salientes**, formando uma cruz, e uma **rosinha de meio ponto**. Na ourela, bichinha e **torcidos**, no remate do **bico**, torcidos e tranças. Trata-se de um motivo tradicional. Tem canto.



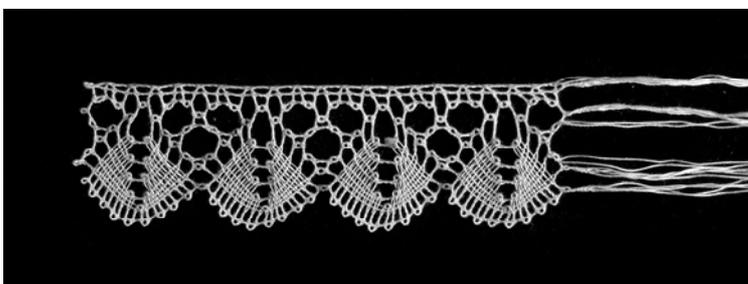
Comandantes modernos – Amostra executada com 84 bilros, em linha nº 20, 100% de algodão mercerizado, com 190mmX112mm. **Pano** circular ou oval onde se encontram, do centro, para o lado de fora, **tranças** com **serrilha** definindo um padrão de argolas entrelaçadas, a seguir uma faixa em **meio ponto**, novamente tranças com serrilha, mas a definir um padrão triangular que, na parte mais exterior, apresenta **salientes** aos pares, a que se segue nova faixa em meio ponto. Na borda, num fundo de tranças que originam um remate denteado, inscrevem-se conjuntos de quatro salientes. Trata-se de um motivo tradicional.

Concha com zig-zag - Amostra executada com 42 bilros, em linha nº 50, 100% de algodão mercerizado, com 100mmX44mm.



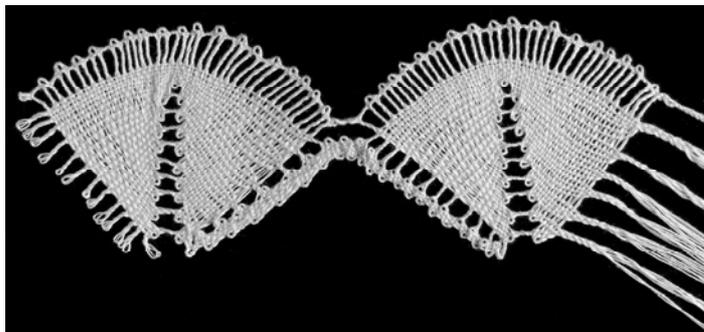
Motivo muito característico, em ponto de pano, tem forma de uma vieira, ou de leque, aberto ao meio, sendo o remate feito de torcidos. Uma bicha de pano, em zig-zag, une os dois motivos. Trata-se de um motivo adoptado a partir da Escola de Rendas. Tem canto.

Concha espanhola - Amostra executada com 22 bilros, em linha nº 50, 100% de algodão mercerizado, com 72mmX20mm.



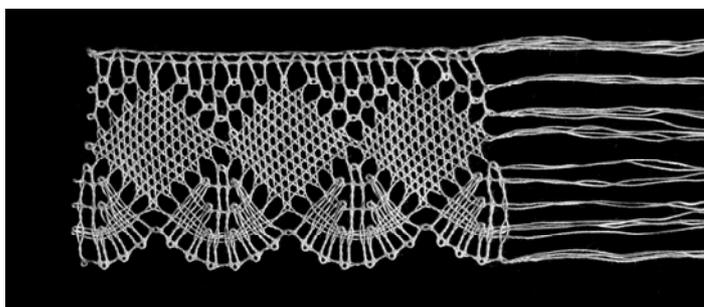
Entre a orela e a conchinha, mais pequena que a **concha**, mas também aberta ao meio e feita de **pano**, encontra-se o **canto** feito em **crivo**. Trata-se de um motivo adoptado a partir da Escola de Rendas.

Concha grande - Amostra executada com 22 bilros, em linha nº 50, 100% de algodão mercerizado, com 90mmX35mm.



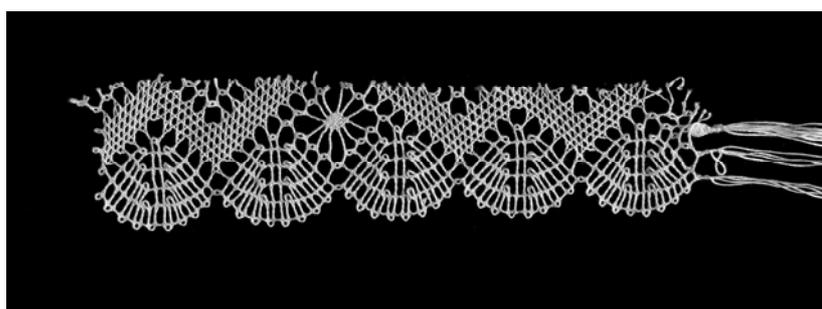
Motivo muito característico, a concha grande tem uma forma de leque, aberto ao meio, em ponto de **pano**, cujo remate é feito de **torcidos**. Uma pequena **bicha** de pano une a sucessão dos motivos. Trata-se de um motivo adoptado a partir da Escola de Rendas. Tem canto.

Conchinha - Amostra executada com 15 bilros, em linha nº 50, 100% de algodão mercerizado, com 55mmX32mm.



A conchinha, que define o bico, propriamente dito, é feito em pano. A ligação de motivo a motivo faz-se por uma **rosinha** em **meio ponto**. O **canto**, espaço triangular, definido entre as rosinhas e a **ourela**, apresenta **pregadinho**. Trata-se de um motivo tradicional.

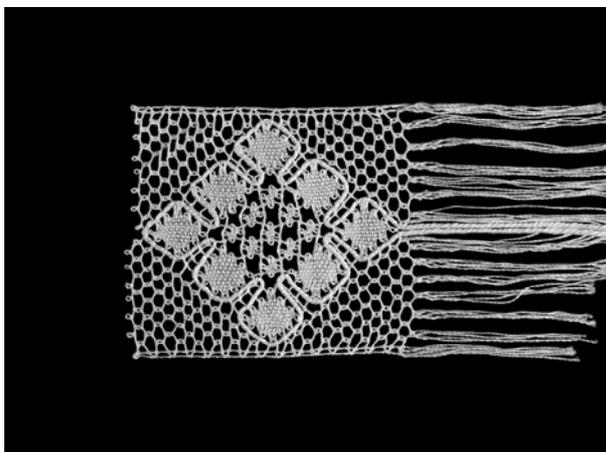
Conchinha torcida - Amostra executada com 30 bilros, em linha nº 50, 100% de algodão mercerizado, com 100mmX22mm.



A conchinha corresponde a um **bico** de **torcidos**. Como elemento de ligação entre cada par de motivos encontra-se uma **aranha**. A acompanhar o desenho do bico está uma **bicha** em **meio ponto**, a que se

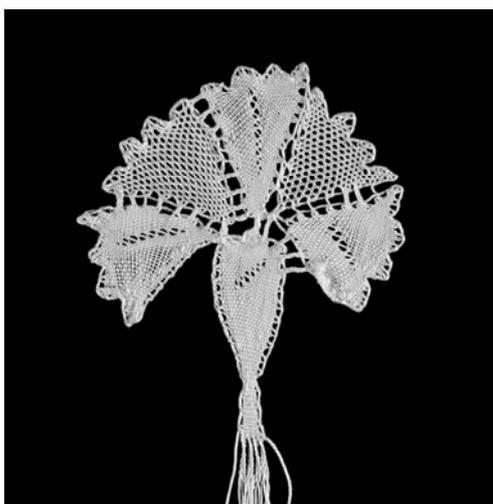
segue, até à ourela, **pregadinho**. Trata-se de um motivo adoptado a partir da Escola de Rendas.

Corações - Amostra executada com 66 bilros, em linha nº 50, 100% de algodão mercerizado, com 55mmX52mm.



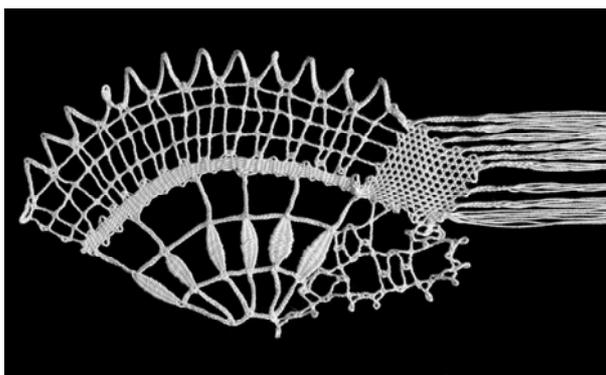
Neste **entremeio**, num fundo de **pregadinho**, aparecem, no motivo central, parcialmente circundadas com **bordo**, oito **rosinhas** feitas de **pano**, as quais definem um centro, onde se encontram **sapinhos**. Trata-se de um motivo adoptado a partir da Escola de Rendas. Tem canto.

Cravos - Amostra executada com 40 bilros, em linha nº 20, 100% de algodão mercerizado, com 90mmX75mm.



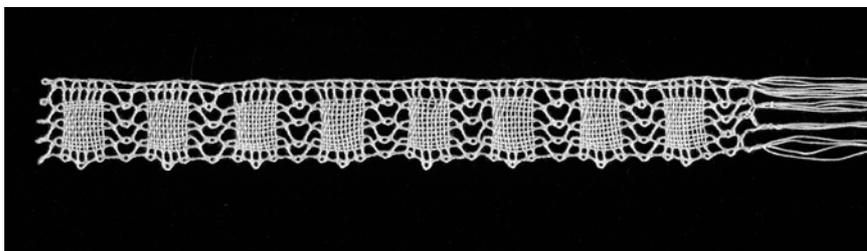
Do cálice, feito de **pano**, saem cinco pétalas, três em **pano** e duas em **meio ponto**. **Tranças** e **torcidos** articulam as várias partes da flor, todas contornadas a **bordo**. Trata-se de um motivo tradicional. Tem canto.

Cristas - Amostra executada com 38 bilros, em linha nº 20, 100% de algodão mercerizado, com 100mmX60mm.



Uma estrutura reticulada, feita de **tranças**, abre em leque, incorporando **salientes**. O bico apresenta uma **bicha** de **pano** donde saem **torcidos** a formar um fundo rematado com trança. A ligação faz-se por uma **rosinha** em **meio ponto** e **crivo**. Trata-se de um motivo tradicional. Tem canto.

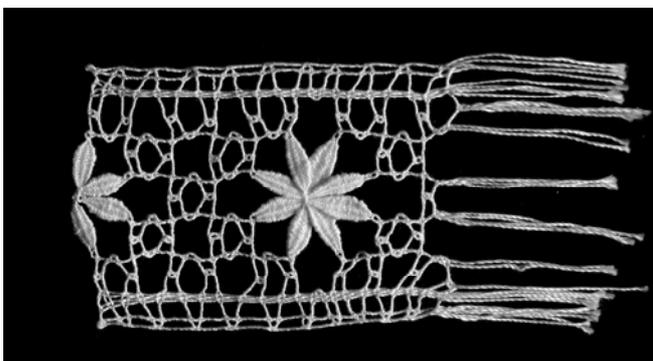
Espelinho - Amostra executada com 16 bilros, em linha nº 50, 100% de algodão mercerizado, com 112mmX14mm.



Nesta pequena renda, o **espelinho** corresponde a um pequeno retângulo feito em ponto de **pano**. A ligação entre os motivos faz-se

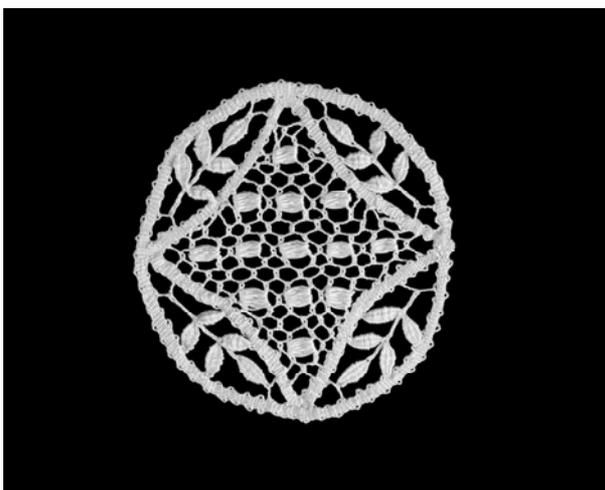
com uma carreira de **pregadinho**. Trata-se de um motivo adoptado a partir da Escola de Rendas.

Estrelinhas - Amostra executada com 24 bilros, em linha nº 20, 100% de algodão mercerizado, com 54mmX40mm.



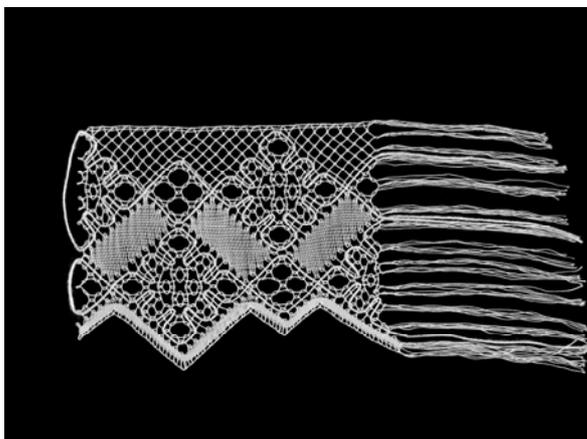
Um dos motivos mais populares: numa rede de **crivo** inscrevem-se flores feitas com oito **salientes**. Neste **entremeio**, junto de cada orela de torcidos, encontra-se uma **bicha** de pano muito estreita. Trata-se de um motivo tradicional. Tem canto.

Felicidades - Amostra executada com 44 bilros, em linha nº 20, 100% de algodão mercerizado, com 80mmX80mm.



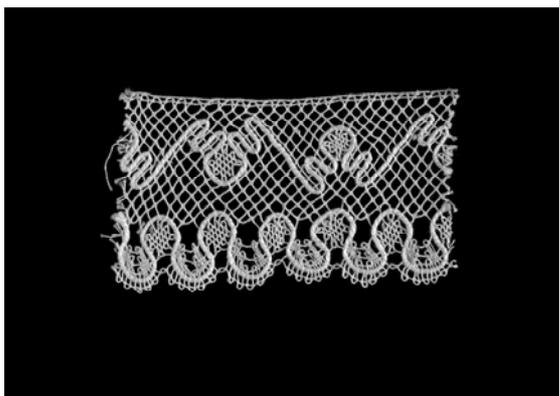
Motivo circular, definido por uma **bicha** de **pano**, onde se inscreve um losango, também definido por pano, cujo interior é preenchido por **pregadinho** com **salientes de bruxa**. Nos espaços entre o contorno exterior e o interior, encontram-se 4 ramos, em que o caule é feito de **trança**, e as folhas de **salientes**. Trata-se de um motivo tradicional.

Filhó - Amostra executada com 95 bilros, em linha nº 50, 100% de algodão mercerizado, com 83mmX73mm.



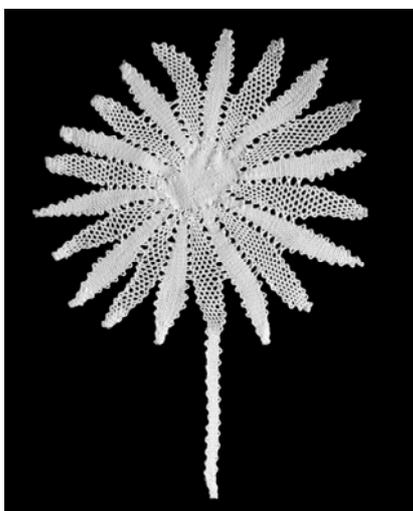
Rectângulos de **pano** separam dois motivos quadrados, realçados por **bordo**. No maior, o centro é feito em **crivo** e nos vértices encontram-se **caveirinhas** que alternam com **pregadinho**. O quadrado menor apresenta 4 caveirinhas. Uma bicha de pano acompanha o remate em **M**. Trata-se de um motivo adoptado a partir da Escola de Rendas. Tem canto.

Foguetão - Amostra executada com 48 bilros, em linha nº 50, 100% de algodão mercerizado, com 65mmX39mm.



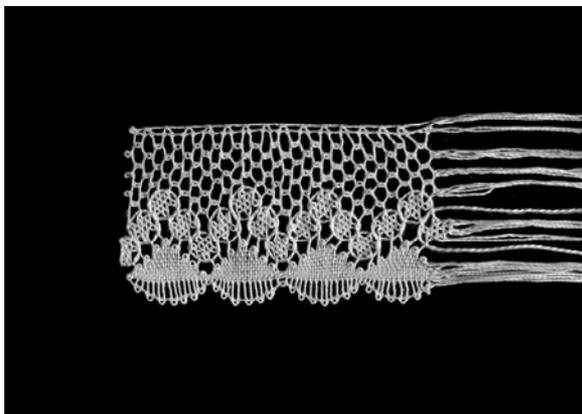
Num fundo de **rede** encontra-se, do lado da orela, **bordo** que, de quando em quando, define pequenos espaços, fechados, onde se encontram **rosinhas de meio ponto**. Do lado do **bico** o bordo também define uns pequenos espaços ocupados, no lado interior da renda, por uma **rosinha em meio ponto**, do lado exterior, junto ao remate de torcidos, por uma **conchinha** de pano. Trata-se de um motivo adoptado a partir da Escola de Rendas. Tem canto.

Girassóis – Amostra executada com 60 bilros, em linha nº 20, 100% de algodão mercerizado, com 138mmX109mm.



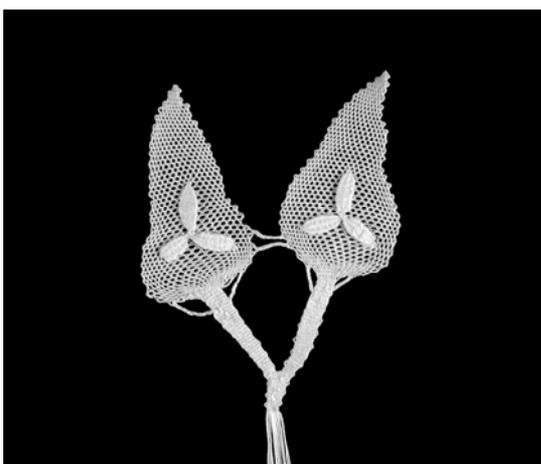
10 pétalas feitas de pano, ou **volta inteira**, alternam com outras tantas feitas em meio ponto ou **meia volta**, definindo um centro de pano. Trata-se de um motivo tradicional. Apesar da aparente simplicidade dos pontos, uma rendilheira experiente demora mais de cinco horas a fazer este motivo.

Grinalda - Amostra executada com 40 bilros, em linha nº 50, 100% de algodão mercerizado, com 55mmX35mm.



Junto à orela, **pregadinho**. A seguir, fazendo um zig-zag, uma sequência de círculos, definidos com **bordo**, que no centro têm uma **rosinha de meio ponto**. Na ponta aparece o **bico do lapão**: triângulo de pano, donde sai um remate de torcidos. Trata-se de um motivo adoptado a partir da Escola de Rendas. Tem canto.

Heras - Amostra executada com 28 bilros, em linha nº 20, 100% de algodão mercerizado, com 105mmX76mm.



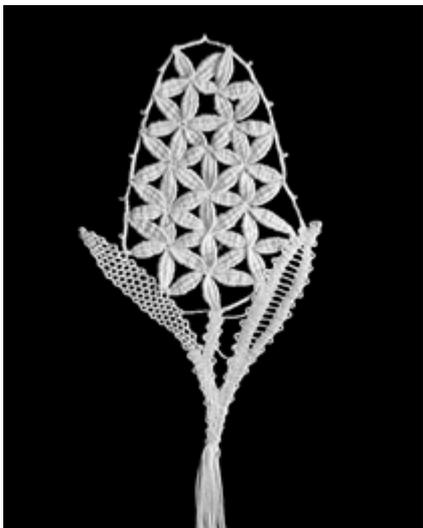
Cada uma das folhas, feita em **meio ponto**, apresenta três **salientes levantados**. As folhas, cujo pé é uma **bicha de pano**, ligam-se por **tranças**. Trata-se de um motivo tradicional.

Lacinhos – o mesmo que laços. Amostra executada com 16 bilros, em linha nº 20, 100% de algodão mercerizado, com 65mmX65mm.



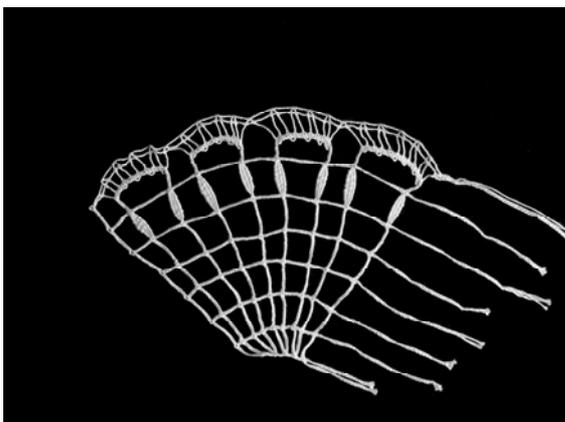
Nesta característica **aplicação** uma **bicha de pano** desenha o laço cujo interior é preenchido por **pregadinho**. Na parte mais exterior da laçada, em vez de pregadinho, estão **tranças**. Trata-se de um motivo tradicional.

Lilases – Amostra executada com 14 bilros, em linha nº 20, 100% de algodão mercerizado, com 100mmX59mm.



Um conjunto de **salientes**, dispostos mais ao comprido, é limitado por uma **trança** com **serrilha** e envolvido por duas folhas. Uma é feita em **meio ponto**, a outra, é feita com duas **bichas** de **pano** ligadas por **torcidinhos**. Trata-se de um motivo tradicional. Tem canto.

Limão - Amostra executada com 37 bilros, em linha nº 20, 100% de algodão mercerizado, com 115mmX85mm.



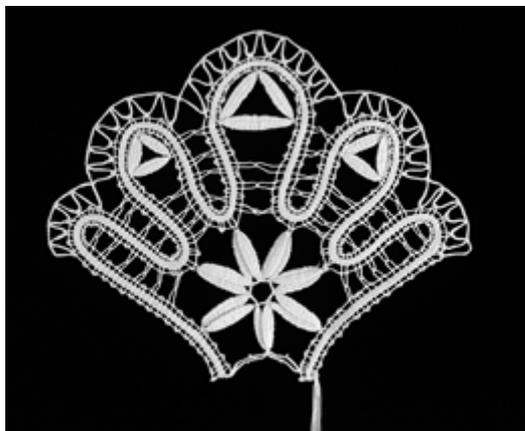
Uma estrutura reticulada, feita de **tranças**, abre em leque, onde se dispõem **salientes**. O **bico** apresenta uma **unha** em pano donde saem **torcidos** a rematar. Trata-se de um motivo tradicional. Tem canto.

Malmequeres - Amostra executada com 54 bilros, em linha nº 20, 100% de algodão mercerizado, com 90mmX61mm.



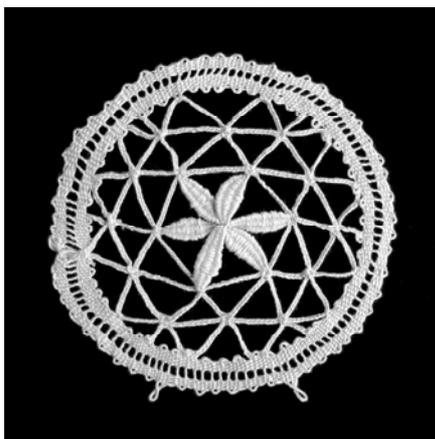
Num fundo de **crivo** dispõem-se flores, com centro em **meio ponto** e formadas por 12 **salientes**. Uma **bicha** de **pano**, muito estreita, acompanha a orela e uma outra, mais larga segue o desenho do **bico**, onde **tranças**, formando um denteado, alternam com **rosinhas** de meio ponto. Trata-se de um motivo tradicional.

Mãos – o mesmo que **renda dos dedos**. Amostra executada com 12 bilros, em linha nº 20, 100% de algodão mercerizado, com 170mmX142mm.



Uma flor constituída por 12 **salientes**, agrupados aos pares, e unidos entre si por **trança**, organiza o motivo em que uma **bicha de pano** se dispõe como os dedos de uma mão. Na extremidade dos elementos centrais encontram-se três salientes, desenhando triângulos. Os elementos de ligação são **torcidos** e o remate do bico é feito de trança. Trata-se de um motivo tradicional.

Maravilhas – Amostra executada com 18 bilros, em linha nº 40, 100% de algodão mercerizado, com 54mmX54mm.



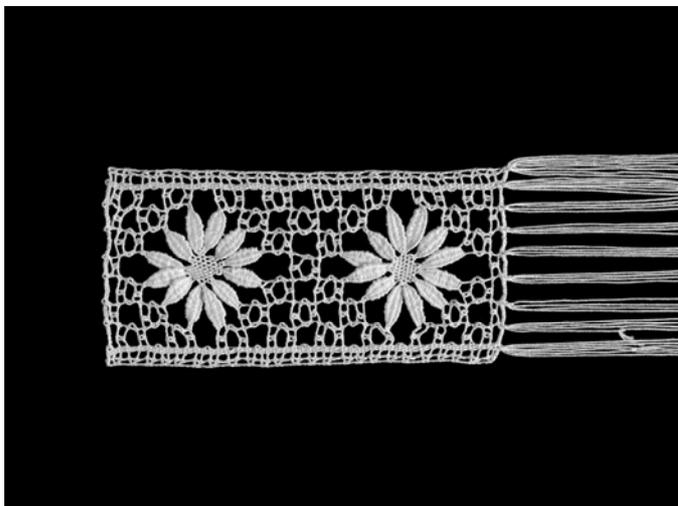
Num fundo de **tranças** inscreve-se no centro uma estrela feita com 6 **salientes**. No remate encontram-se duas estreitas **bichas de pano**, unidas por torcidinhos. Trata-se de um motivo tradicional.

Margaridas - Amostra executada com 20 bilros, em linha nº 20, 100% de algodão mercerizado, com 135mmX70mm.



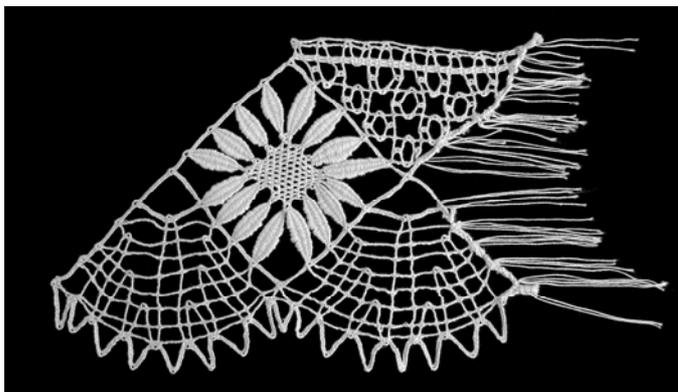
Motivo muito semelhante aos malmequeres, apresenta-se mais desenvolvido, em tamanho e número de salientes que aqui formam uma flor de 16 pétalas. Trata-se de um motivo tradicional.

Marias - Amostra executada com 52 bilros, em linha nº 30, 100% de algodão mercerizado, com 95mmX47mm.



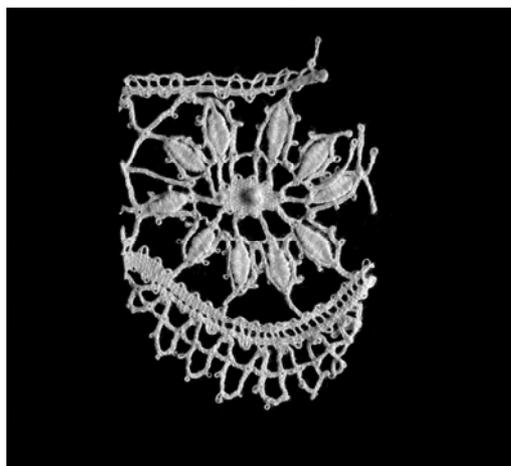
Uma flor formada por 16 salientes cujo centro é de meio ponto, inscreve-se num quadrado que articula outros elementos decorativos. Do lado do bico, duas conchas de torcidos, do lado da ourela, crivo a fazer canto, sendo o remate bicha de pano com torcidos.

Marias com o bico do limão - Amostra executada com 52 bilros, em linha nº 30, 100% de algodão mercerizado, com 195mmX47mm.



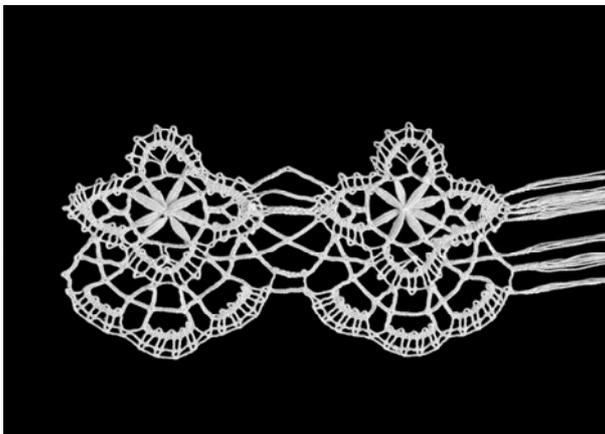
Uma flor formada por 16 salientes, cujo centro é de meio ponto, inscreve-se num quadrado que articula outros elementos decorativos. Do lado do bico, duas conchas de torcidos, do lado da ourela crivo a fazer canto, sendo a ourela, bicha de pano com torcidos. Trata-se de um motivo tradicional.

Martírios – Amostra executada com 20 bilros, em linha nº 40, 100% de algodão mercerizado, com 35mmX62mm.



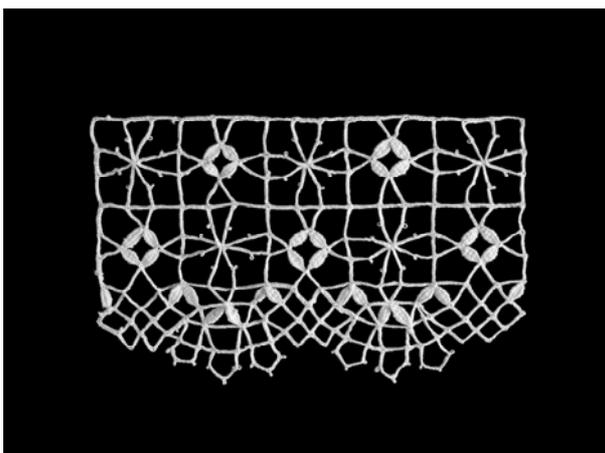
Uma flor, oval, formada por 10 salientes contornados a trança com serrilha, apresenta um centro de pano, com um saliente levantado. No bico, duas bichinhas de pano, ligadas por torcidos, acompanham o remate de trança com serrilha. Na ourela, uma bichinha de pano com torcidos. Trata-se de um motivo tradicional.

Milhardiz - Amostra executada com 32 bilros, em linha nº 30, 100% de algodão mercerizado, com 110mmX58mm.



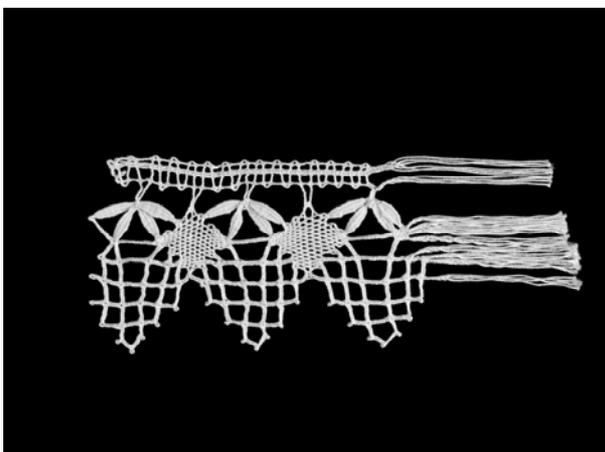
Uma flor feita com oito **salientes** organiza uma forma quadrangular, definida por uma estreita **bicha** de **pano**. No **bico** destacam-se três **unhas** de pano, donde sai o remate de **torcidos**. As ligações são feitas, sobretudo, por **tranças**, mas também por torcidos. Trata-se de um motivo tradicional.

Miosótis – Amostra executada com 38 bilros, em linha nº 20, 100% de algodão mercerizado, com 123mmX80mm.



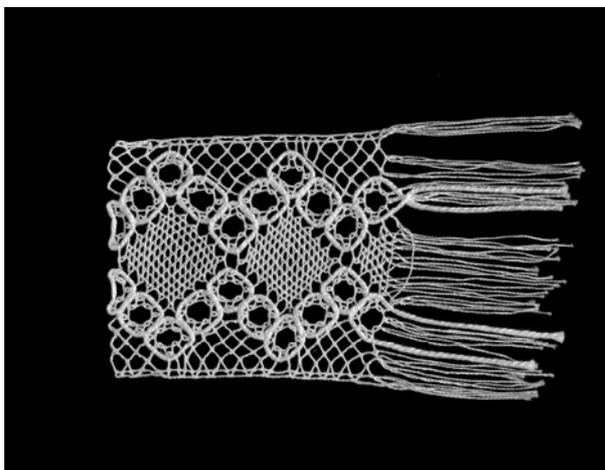
Num fundo de tranças, de padrão quadriculado, alternam no preenchimento de cada quadrado, 4 **salientes**, unidos uns aos outros pelas pontas, a formar uma flor e oito **tranças com serrilha**. O **bico** é rematado com tranças e picot que envolvem pequenos espaços em forma de meia-lua onde se encontram 3 pares de salientes num fundo de tranças. Trata-se de um motivo tradicional. Tem canto.

Morango – Amostra executada com 38 bilros, em linha nº 20, 100% de algodão mercerizado, com 67mmX50mm.



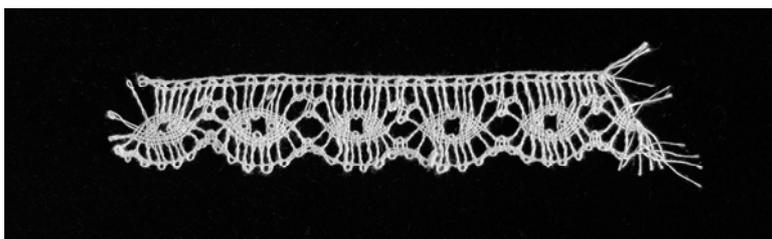
Entre duas **rosinhas** de **meio ponto**, dispõe-se, do lado da orela, uma estreita bicha de **pano** com **torcidos**, um motivo de quatro **salientes** e do lado do **bico**, um fundo de **tranças**, formando uma quadrícula. Remata com serrilha. Trata-se de um motivo tradicional.

Óculos - Amostra executada com 58 bilros, em linha nº 50, 100% de algodão mercerizado, com 55mmX50mm.



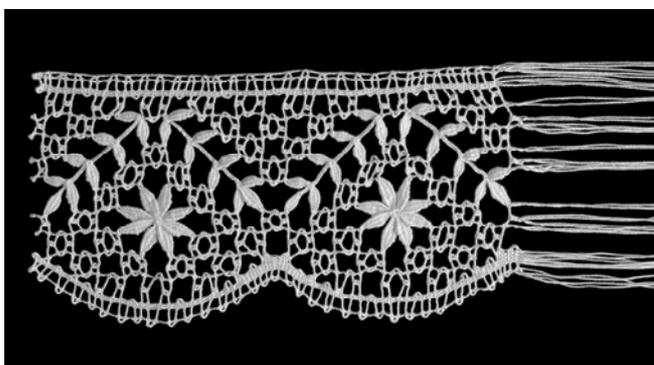
Ao centro deste **entremeio**, encontra-se uma sucessão de **rosas de meio ponto**, que são acompanhadas por motivo constituído por círculos, feitos de **bordo** e que dentro têm **caveirinhas**. O **canto** é de **rede**. Ourelas, muito simples, de torcidos. Trata-se de um motivo adoptado a partir da Escola de Rendas. Tem canto.

Olhinho de rola – muito semelhante a olhos ou olhinhos. Amostra executada com 16 bilros, em linha nº 50, 100% de algodão mercerizado, com 66mmX16mm.



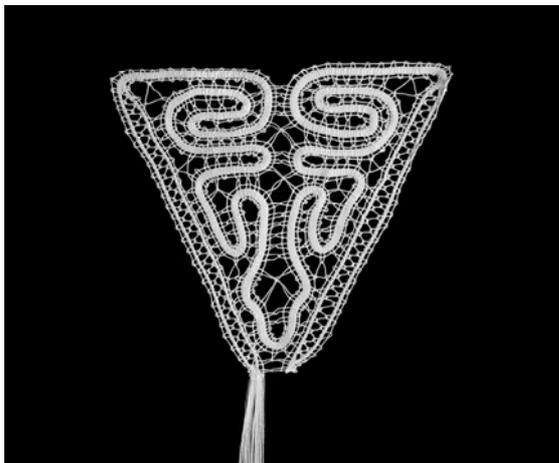
Num fundo de **torcidos**, uma pequena oval de **pano**, apresenta um espaço vazio ao centro. Trata-se de um motivo adoptado a partir da Escola de Rendas.

Palminha – Amostra executada com 46 bilros, em linha nº 20, 100% de algodão mercerizado, com 112mmX64mm.



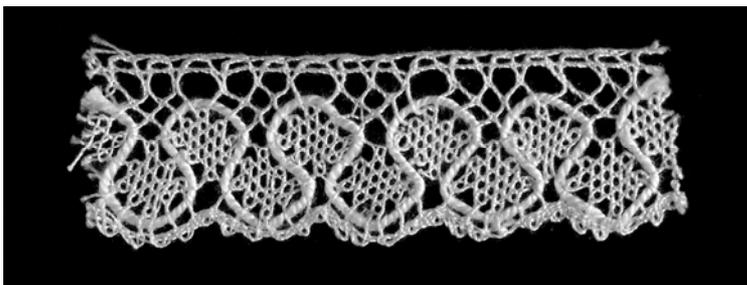
Num fundo de **crivo**, dois pequenos ramos, com o caule em **trança** e as 9 folhas de **salientes**, enquadram uma **estrela** de 8 salientes. Ourela e bico com bicha de pano e torcidos. Trata-se de um motivo tradicional. Tem canto.

Pano das bichas - Amostra executada com 18 bilro, em linha nº 20, 100% de algodão mercerizado, com 120mmX60mm.



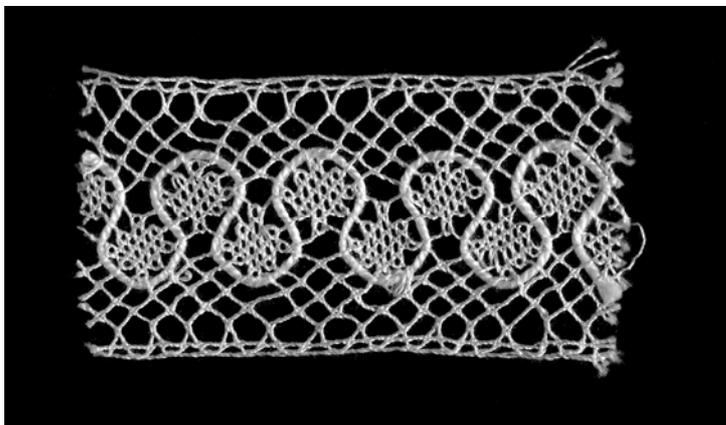
As **bichas** são feitas em **pano** e apresentam-se a voitar num fundo de **torcidos**. As bichas mais estreitas apresentam entre elas um fundo de **pregadinho**. Trata-se de um motivo tradicional.

Patinhas – o mesmo que **patinhas pequenas**. Amostra executada com 17 bilros, em linha nº 50, 100% de algodão mercerizado, com 53mmX13mm.



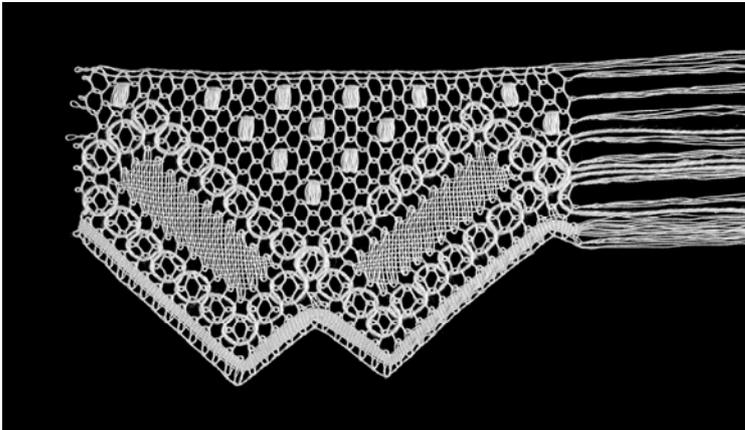
Neste **biquinho**, num fundo de **rede**, rosinhas de **meio ponto**, aparecem contornadas por **bordo**, num desenho sinuoso. Trata-se de um motivo adoptado a partir da Escola de Rendas. Tem canto.

Patinhas grandes – Amostra executada com 26 bilros, em linha nº 50, 100% de algodão mercerizado, com 50mmX28mm.



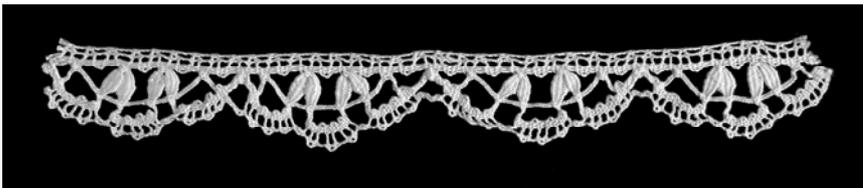
Neste **entremeio** encontra-se, ao centro, num fundo de **quadrícula**, **bordo**, que define espaços ocupados por **rosinhas de meio ponto**. As patinhas grandes, distinguem-se das pequenas, pelo tamanho do fundo à sua volta, que, verdadeiramente, o motivo, adoptado a partir da Escola de Rendas, é o mesmo.

Pauzinho - Amostra executada com 50 bilros, em linha nº 50, 100% de algodão mercerizado, com 80mmX57mm.



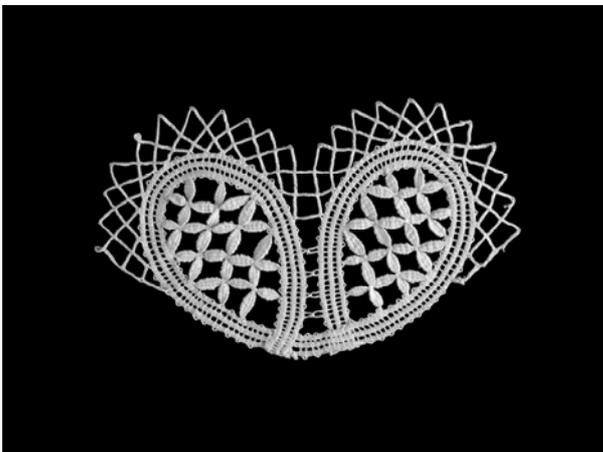
Num fundo de **pregadinho**, o **canto** apresenta **salientes de bruxa** e dois rectângulos de **pano** são contornados por uma linha de motivos circulares definidos por **bordo**. Uma **bicha** de pano, com **torcidos**, acompanha o recorte da renda em **W**. Trata-se de um motivo adoptado a partir da Escola de Rendas.

Pé de passarinho - Amostra executada com 16 bilros, em linha nº 20, 100% de algodão mercerizado, com 160mmX19mm.



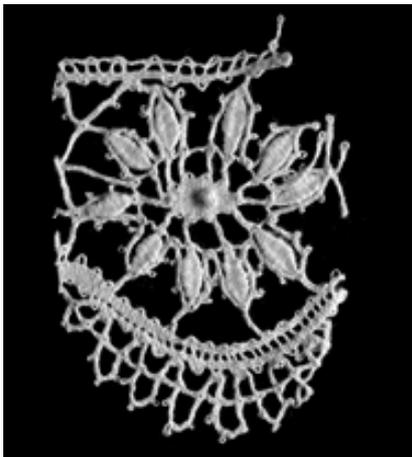
Dois pares de **salientes** inscrevem-se num espaço em meia-lua, definido por **trança**. O **bico** apresenta três pequenas **unhas** de pano com **torcidos**. Trata-se de um motivo tradicional.

Pêndulas - Amostra executada com 24 bilros, em linha Âncora nº 20, 100% de algodão mercerizado, com 140mmX95mm.



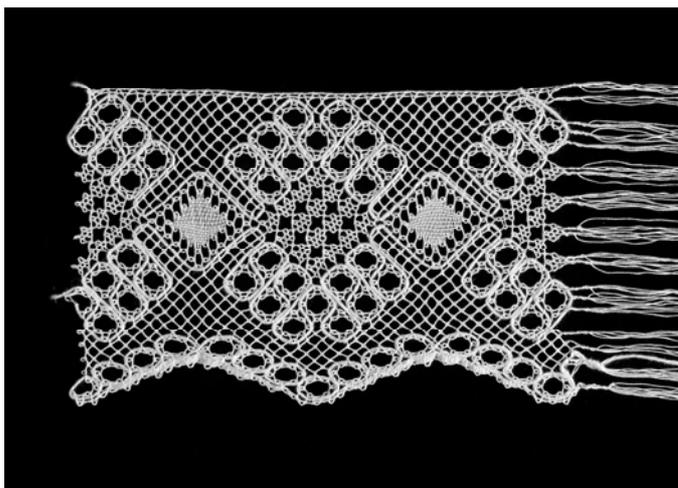
Três **bichas** de **pano** muito estreitas, que se ligam entre si por **torcidos**, envolvem duas pequenas áreas, completamente preenchidas por **salientes**. O remate é feito com **tranças**, que definem um padrão triangular. Trata-se de um motivo tradicional. Tem canto.

Picot



Nome recente que se dá à trança com serrilha, quando aparece no remate solto da renda.

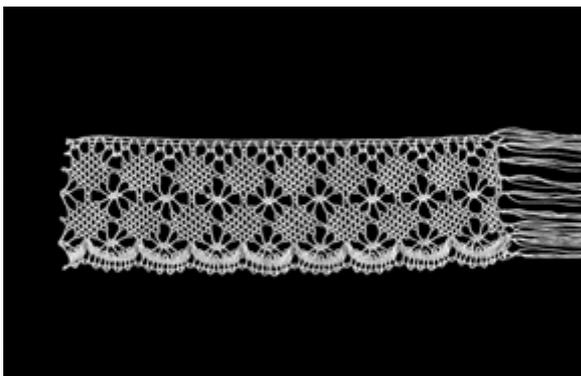
Pinha – o mesmo que renda antiga. Amostra executada com 92 bilros, em linha nº 50, 100% de algodão mercerizado, com 112mmX72mm.



O centro do motivo é um quadrado de **crivo de meio ponto** ou **sapinhos**. Para o lado da **ourela** e do **bico** dispõe-se, simetricamente, um conjunto formado por 11 **óculos**, definidos a **bordo**, com **caveirinhas** dentro. Dois quadrados de pano, rodeados por **pregadinho** e bordo completam o motivo, que se inscreve numa **rede de torcidos**. No **bico**, remate de óculos com caveirinhas, a acompanhar uma **bichinha** de pano. Trata-se de um

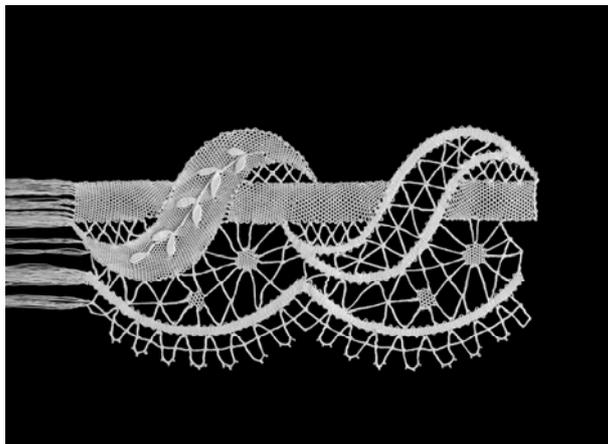
motivo tradicional. Tem canto.

Renda da fantasia - Amostra executada com 42 bilros, em linha nº 50, 100% de algodão mercerizado, com 90mmX30mm.



Nesta renda alternam **rosinhas** em **meio ponto** com **aranhas**. Do lado da **ourela**, entre cada duas rosas, vê-se **pregadinho** a fazer **canto** e, do lado do **bico** encontra-se uma **unha de pano** donde sai um remate de **torcidos**. Trata-se de um motivo adoptado a partir da Escola de Rendas. Tem canto.

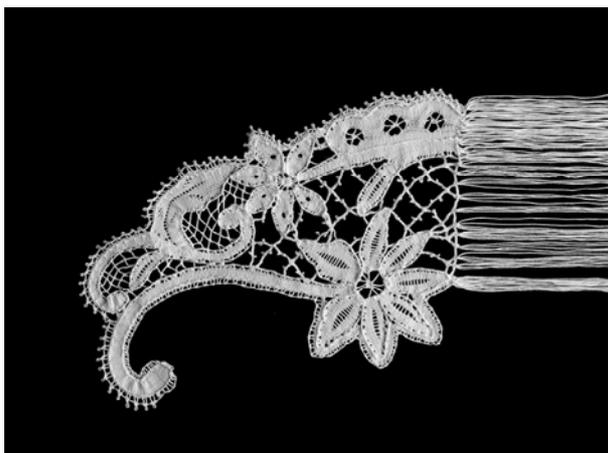
Renda da palma - Amostra executada com 92 bilros, em linha nº 20, 100% de algodão mercerizado, com 233mmX122mm.



Uma larga **bicha**, em **meio ponto** define, em certa medida a **ourela**, onde alternam dois motivos sinuosos. Num deles, um ramo de 9 **salientes levantados**, assenta numa base de **em meio ponto**, no outro, duas bichas de pano, definem um espaço preenchido com **tranças**, organizadas num padrão triangular. Entre o **bico**, onde uma bicha de pano acompanha tranças com **serrilha**, e os restantes motivos encontram-se **rosas**, as maiores e **rosinhas**, as menores, em meio ponto,

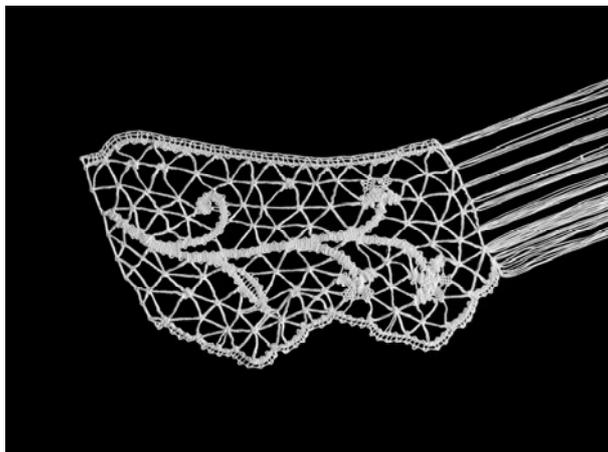
num fundo de tranças. Trata-se de um motivo tradicional.

Renda das coróinhas - Amostra executada com 108 bilros, em linha nº 30, 100% de algodão mercerizado, com 135mmX90mm.



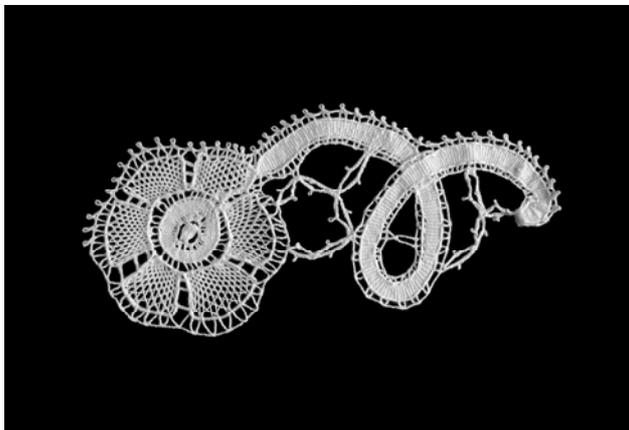
As flores e demais motivos, contornados a **bordo**, aparecem feitas em **pano** e **torcidos**, os quais lhes dão mais leveza. Uma rede de malha mais larga é feita de **tranças com serrilha** e, a de malha mais apertada, feita de rede de torcidos. Trata-se de um motivo tradicional.

Renda das rosinhas de tocar - Amostra executada com 54 bilros, em linha nº 30, 100% de algodão mercerizado, com 131mmX73mm.



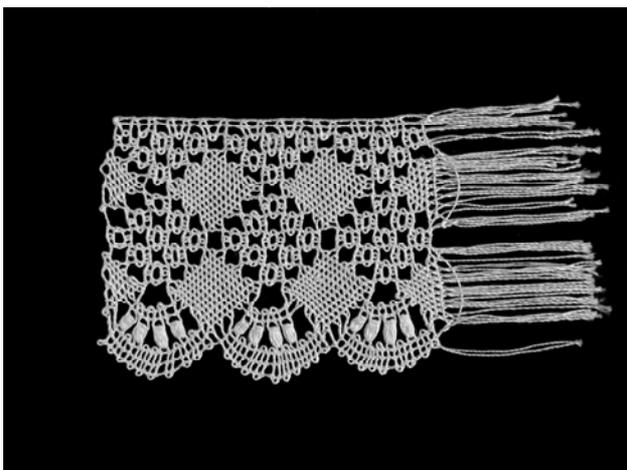
Num **campo** de **tranças** que definem um padrão triangular, e onde se encontram, de onde em onde, **aranhas**, inscreve-se um ramo feito de **pano** com três flores, de pétalas em pano e **meio ponto**. Trata-se de um motivo tradicional.

Renda das venezas - Amostra executada com 38 bilros, em linha nº 30, 100% de algodão mercerizado, com 112mmX50mm.



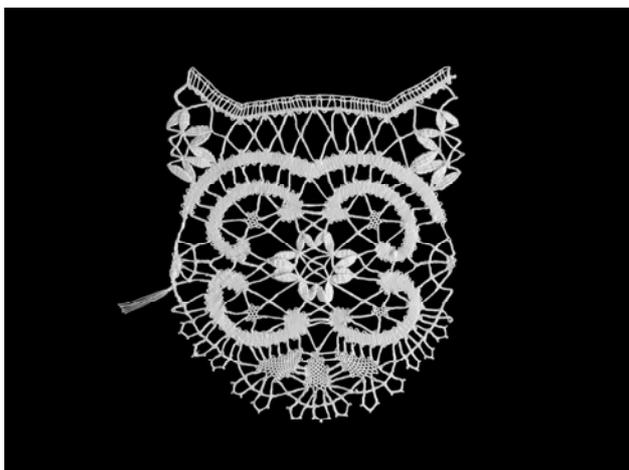
A flor das oito pétalas, feitas em **meio ponto**, tem, ao centro, um **saliente de bruxa**, envolvido por uma **bicha de pano**. O conjunto aparece rematado, do lado exterior, por **torcidos com serrilha**. Como um pé de flor, uma bicha de pano faz uma volta, num fundo de tranças com serrilha. Trata-se de um motivo tradicional que se aplica em rendas ou dobras. Tem canto.

Renda de D. Noémia - Amostra executada com 24 bilros, em linha nº 50, 100% de algodão mercerizado, com 50mmX47mm.



Os quatro quadrados, feitos a **meio ponto**, que definem, ao centro, um espaço quadrangular ocupado por **crivo**, constituem as **rosinhas** propriamente ditas. Na amostra vê-se ainda, no **canto**, **crivo** e no **bico**, salientes de bruxa, com **torcidos**. Trata-se de um motivo adoptado a partir da Escola de Rendas. Tem canto.

Renda do casar pobre - Amostra executada com 74 bilros, em linha nº 20, 100% de algodão mercerizado, com 125mmX140mm.



O motivo principal tem, ao centro, uma coroa constituída por 16 **salientes** envolvida, do lado interior e do lado exterior, por **tranças**. 4 **bichas de pano**, de pontas enroladas, os **caracóis**, definem 4 pequenos espaços onde se inscrevem **rosinhas** em **meio ponto**. Do lado do **bico** encontram-se três formas ovaladas em meio ponto, num fundo de tranças. Do lado da **ourela**, **torcidos**, bichinha de pano e tranças. Na

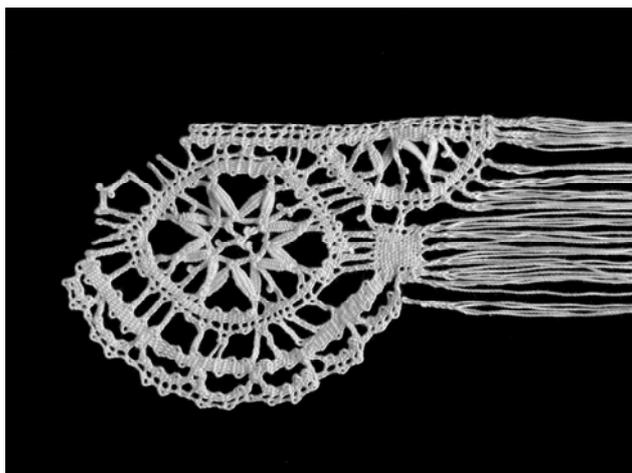
articulação de um motivo com o outro aparece uma flor igual à do centro. Trata-se de um motivo tradicional. Tem canto.

Renda do casar rico – Trata-se de uma renda igual à do casar pobre, feita também com 74 bilros. A diferença está no desenvolvimento que se dá ao canto na dobra do lençol. Trata-se de um motivo tradicional.

Renda dos caracóis – o mesmo que renda do casar.

Renda dos dedos – ver mãos.

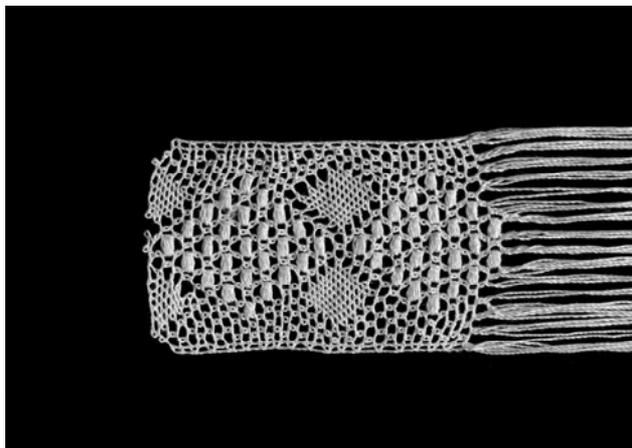
Rodelas - Amostra executada com 58 bilros, em linha nº 20, 100% de algodão mercerizado, com 53mmX52mm.



Uma **bicha** estreita de **pano** define um espaço circular onde se encontra uma flor, formada por 16 **salientes**, cujo centro é formado por um cruzamento de **tranças com serrilhas**. No **bico**, encontra-se uma bicha de pano, a acompanhar um remate de 7 **unhas** de pano com **torcidos**. Na articulação das rodelas encontra-se, do lado do bico, um pequeno quadrado de pano e, do lado da **ourela**, um espaço em meia-lua, definido por bicha com torcidos, onde se dispõem tranças com serrilha e

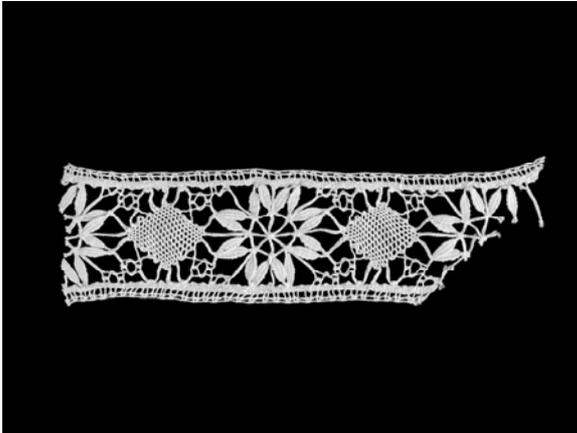
salientes. Trata-se de um motivo tradicional.

Rosa em meio ponto – Amostra executada com 20 bilros, em linha nº 50, 100% de algodão mercerizado, com 51mmX38mm.



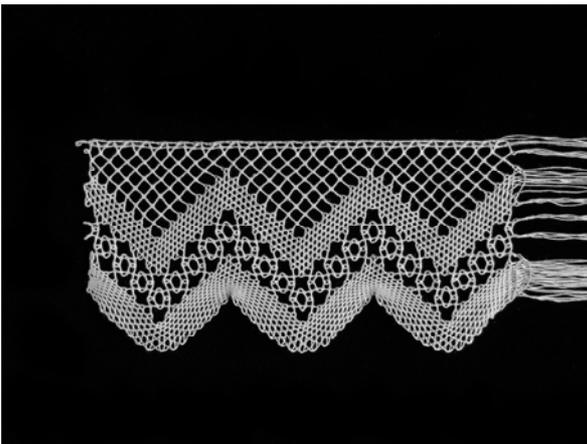
Neste **entremeio** vêem-se dois losangos grandes, completamente preenchidos por **salientes de bruxa**, e, na sua articulação, dois pequenos quadrados feitos em **meio ponto**, que são as rosinhas, num campo de pregadinho. Trata-se de um motivo adoptado a partir da Escola de Rendas. Tem canto.

Rosa dobrada – Amostra executada com 36 bilros, em linha nº 20, 100% de algodão mercerizado, com 122mmX48mm.



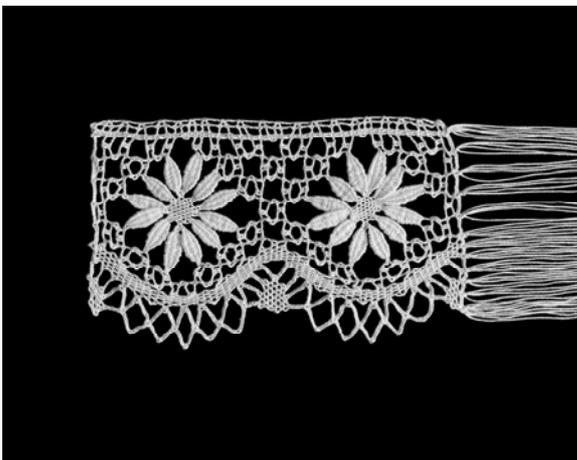
Neste **entremeio**, com **bicha** de **pano** e **torcidos** a formar as ourelas, uma flor, constituída por 16 **salientes**, agrupados dois a dois, cujo centro são oito **tranças**, alterna com um losango, em **meio ponto**, a que se chama rosa. O campo é constituído por **crivo**. Trata-se de um motivo tradicional. Tem canto.

Rosário - Amostra executada com 58 bilros, em linha nº 50, 100% de algodão mercerizado, com 89mmX45mm.



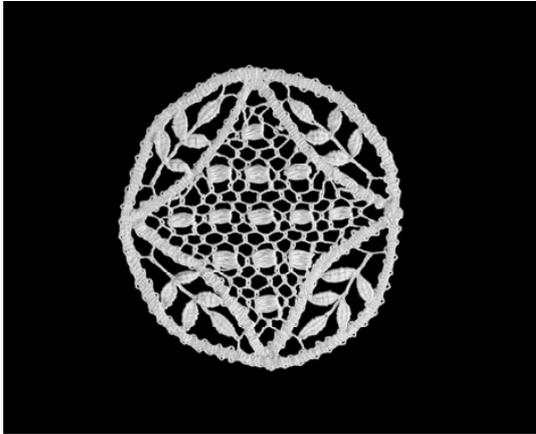
Duas **bichas** de **meio ponto**, correm em zig-zag, em paralelo, apresentando entre elas **crivo**. O **canto** é feito em **rede de torcidos**. Trata-se de um motivo adoptado a partir da Escola de Rendas. Tem canto.

Salientes



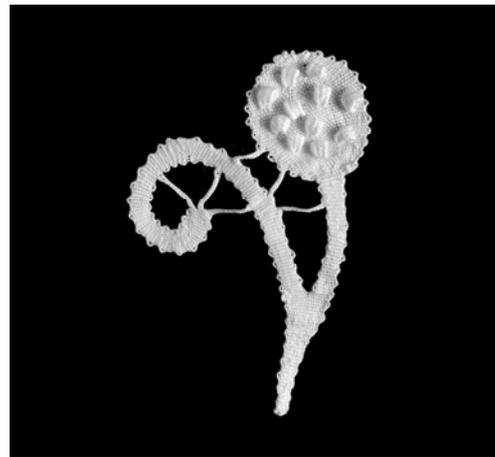
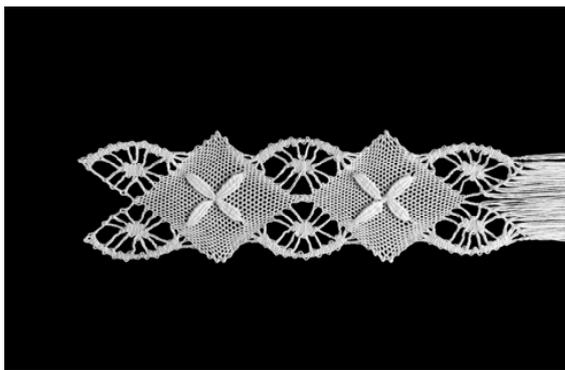
Pequeno motivo, de forma lanceolada, com que se representam pétalas de diversas flores, estrelas, etc.

Salientes de bruxa



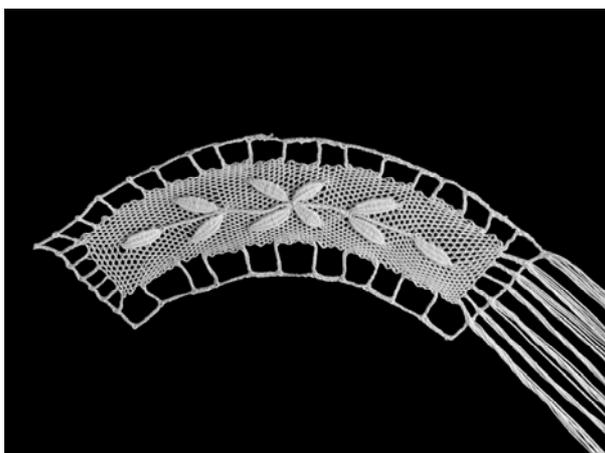
Ao contrário do **saliente normal**, que termina em bico, como uma folha lanceolada, este tem a forma de um pequeno rectângulo. Trata-se de um motivo adoptado a partir da Escola de Rendas.

Salientes levantados



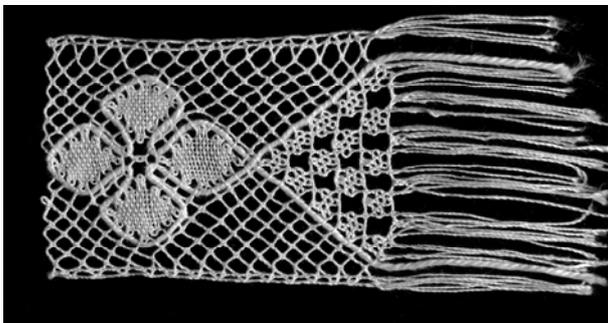
Salientes que se executam sempre sobre um fundo de pano ou meio ponto.

Tapete - Amostra executada com 40 bilros, em linha nº 20, 100% de algodão mercerizado, com 142mmX41mm.



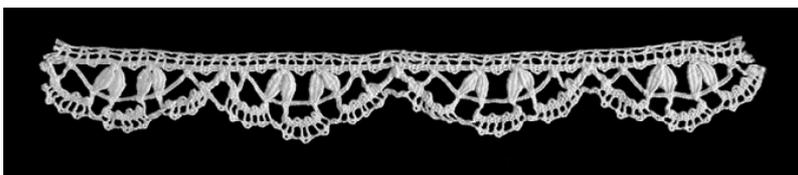
Fundo de **tranças**, onde se pode ver uma faixa curva, em **meio ponto**, que apresenta por cima, ao centro, uma flor de 4 **salientes levantados**, donde saem, acompanhando a curvatura da base, dois ramos, com os caules em **trança** e as 3 folhas de salientes levantados. Trata-se de um motivo tradicional.

Trevos - Amostra executada com 52 bilros, em linha nº 50, 100% de algodão mercerizado, com 50mmX39mm.



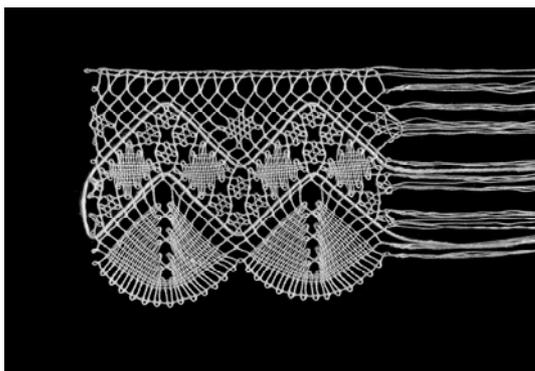
Entremeio onde se pode ver o **bordo** a definir quatro espaços, dispostos em cruz, que no seu interior apresentam **rosinhas de pano**. Este motivo alterna com outro, também debruado a bordo, cuja metade visível é preenchida com **crivo**. Fundo de **rede**. Trata-se de um motivo adoptado a partir da Escola de Rendas. Tem canto.

Unha



Diz-se de um motivo estreito, curvo, geralmente feito de em ponto de **pano**. Ver **balão**, **renda da fantasia**, **rodelas**.

Zig-zag – Amostra executada com 49 bilros, em linha nº 50, 100% de algodão mercerizado, com 55mmX48mm.



Ourela, **canto** em rede com **rosinha de meio ponto**, zig-zag debruado a **bordo** onde intercalam rosinhas de **pano** com **sapinhos**. No **bico**, **conchinha espanhola**. Trata-se de um Motivo adoptado a partir da Escola de Rendas. Tem canto. ~

8. Condições de inovação no produto e no modo de produção que, abrindo essa possibilidade, garantam a preservação da identidade do produto

Dado o modo como se produzem as Rendas de Bilros, em Vila do Conde, não tem sentido considerar a possibilidade de alterações no seu processo de fabrico. Não é a forma da almofada ou do seu suporte, não é o tipo de bilros ou de alfinetes que vão implicar alterações na manufactura da própria renda. Assim, se os pontos são aqueles que, necessariamente, se utilizam na manufactura de qualquer renda de bilros, embora o modo como se escolham uns em detrimento de outros (quase não se utiliza o fundo em ponto de tule, antes se privilegia a quadrícula) constitua um factor a ter em conta, a renda de bilros depende sempre, em última e primeira análise, do desenho, implícito ou explícito no pique, e da linha com que é feita.

Os desenhos mais característicos e próprios de Vila do Conde contêm os motivos atrás identificados e a especificidade das Rendas de Bilros de Vila do Conde reside inteiramente no modo como os elementos decorativos se organizam, formando aqueles mencionados motivos. São estes motivos, o modo como se definem, organizam e apresentam, que identificam a produção de Vila do Conde e que a distinguem de produções semelhantes feitas em Peniche ou nas Camarinhas – Galiza, com as quais tivemos o cuidado de as comparar. Embora o modo de segurar os bilros em Vila do Conde, com as palmas das mãos para baixo, seja diferente do de outros locais, nomeadamente, Peniche, tal só se traduz num eventual acréscimo de resistência da renda, difícil de medir e objectivar.

Assim sendo, se se alterarem os motivos perde-se o vínculo identitário, razão por que não é fácil, senão impossível, considerar a possibilidade de reconhecimento e certificação a rendas feitas em Vila do Conde àquelas que não utilizem a gramática decorativa aqui recolhida e apresentada.

Quanto à linha, em Vila do Conde, trabalha-se, geralmente, com linha de algodão, com uma de duas grossuras, a nº20 ou a nº50, sendo as cores mais utilizadas o branco e o cru ou beije. Antes, ter-se-á trabalhado só com linha de linho, que foi abandonada devido à sua escassez e elevado preço.

Considerando toda a história da produção de Rendas de Bilros de Vila do Conde e, confronte-se com o que é dito sobre a matéria prima, no ponto 4 deste Caderno de Especificações, julga-se que a principal alteração que se pode propor, aceitando-a como inovação passível de ser certificada, sem que as rendas percam a sua identidade – a possibilidade de remeterem para um referente geográfico específico – seja a de consentir alterações quer na grossura quer na cor da linha a utilizar na execução dos motivos aqui apresentados. Também se considera aceitável o uso de fios feitos de outros materiais que não o algodão e o linho, prata e ouro.

Assim, as novas aplicações da renda de bilros de Vila do Conde, nomeadamente em vestuário e acessórios de moda, são possíveis e até desejáveis, não havendo qualquer obstáculo à sua certificação, desde que sejam garantidos os motivos e padrões típicos da sua gramática decorativa específica, sem a qual ficaria desprovida de contexto e referências.

Concluindo, a inovação deverá existir para que a produção de rendas de bilros de Vila do Conde se desenvolva e alcance um plano economicamente viável, imprescindível à revitalização e desenvolvimento da sua produção no momento actual. No entanto, não pode descuidar os vínculos às características tradicionalmente observadas, que conferem à produção um discurso próprio e uma identidade singular, responsáveis pelo seu valor enquanto produção artesanal tradicional.

9. Critérios de Qualidade

A certificação desta produção fica ainda e decisivamente condicionada à qualidade da sua execução, ou seja a renda mal feita não será passível de ser certificada.

O processo de certificação constitui uma intervenção que pretende, na observância de uma matriz claramente identificadora, a qualificação desta arte decorativa, o que é incompatível com uma atitude de contemporização e laxismo relativamente à qualidade da sua manufactura.

Ficha Técnica

Coordenação

Ana Pires

Graça Ramos – CRAT - Centro Regional de Artes Tradicionais

Pesquisa bibliográfica e documental

Pedro Rêgo - CRAT

Ana Pires

Trabalho de campo

Ana Pires

Pedro Rêgo - CRAT

Graça Ramos - CRAT

Elaboração do caderno de especificações para a certificação

Ana Pires

Graça Ramos - CRAT

A primeira edição deste Caderno de Especificações foi desenvolvida pelo CRAT (Centro Regional de Artes Tradicionais) como um dos elementos do projecto candidato ao Programa Operacional Norte, gerido pela CCRDN (Comissão de Coordenação e Desenvolvimento da Região Norte).

O presente Caderno de Especificações foi extraído e adaptado pela Adere-Minho, a partir do documento original “Rendas de Bilros de Vila do Conde” tendo em vista o processo de certificação das Rendas de Bilros de Vila do Conde. O presente Caderno de Especificações funcionará como documento normativo de avaliação dos produtos, de acordo com a norma ISO 17065.